PINGO DE LAVA

OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA
ILHA TERCEIRA - AÇORES NÚMERO 29
BOLETIM INFORMATIVO OUTUBRO 1994

" ROTA DO AÇOR"

SUMÁRIO:

DIPLOMA DE MÉRITO - GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (Gruta dos Principiantes - Ilha Terceira) - AMBIENTE - VÁRIA - FRAGMENTOS - ROTA DO AÇOR ("Epicentro") - ROTA DO AÇOR ("Terra Brava") - BIBLIOGRAFIA ("Viagens Geológicas aos Açores") - DOCUMENTOS VIVOS - FRAGMENTOS - RECORTES DO ALBUM - ÚLTIMO PINGO.

República Portuguesa

O Presidente da República

Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas

Confere à Sociedade de Exploração Espeleológica "Os Montanheiros" o título de Membro Honorário da Ordem do Mérito

Nos termos do Regulamento das Ordens Portuguesas são-lhe concedidos as honras e o direito ao uso das insígnias que lhe correspondem.

Dado na Chancelaria das Ordens Honoríficas Portuguesas, em 9 de Junho de 1994.

O Chanceler,

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (27)

- ILHA TERCEIRA -

GRUTA DOS PRINCIPIANTES

Esta gruta fica situada na zona rural da freguesia dos Biscoitos, a pouca distância da mui conhecida Gruta dos Balcões,na área do Pau Velho, daí a designação por que também é referida.

A cavidade, cujo comprimento total é de 255 metros, apresenta-se em um só tubo lávico, em direcção marcadamente N-NE. E possível deduzir-se que esta gruta continuará para montante do abatimento onde está a respectiva entrada; todavia, a passagem está obstruida com terra, não sendo muito difícil a desobstrução.

A amplitude desta GRUTA DOS PRINCIPIANTES varia entre os 4 metros (no lugar mais estreito) e os 14 metros (no mais largo).

A suave tendência descendente é visivelmente acentuada, aqui e ali, por um escalonamento do chão da gruta, onde se encontrm alguns blocos dispersos, essencialmente nos pontos mais amplos da galeria.

Foto obtida em Novembro de 1990, aquando das filmagens que OS MONTANHEIROS fizeram nesta Gruta dos Principiantes.

Um aspecto do tubo vulcânico GRUTA DOS PRINCIPIANTES

Até ao fundo da cavidade, material arenoso vai cobrindo progressivamente o chão original da gruta, até chegar a obstrui-la na sua quase totalidade, restando apenas um pequeno orifício,por onde escorre a água circulante.

Ao primeiro movimento de material lávico, que deu lugar à formação da gruta, seguiram-se outros (de menor importância),os quais deixaram sinais da respectiva passagem, repressentados essencialmente sob a forma de cordões laterais nas paredes, e unicamente em forma de hemiciclos em um lugar (y-y'), onde se verifica uma curva na galeria e por onde a lava devia circular a uma menor velocidade, o que provoca um maior tempo de contacto entre o material circulante e as paredes da galeria, facilitando, assim, o resfriamento daquele.

O escalonamento que, aqui e ali, acentua a pendência desta cavidade, é devido à adaptação do material onde se encontra a gruta, e respeita à topografia primitiva do terreno.

O chão da gruta é formado por lava do tipo "aa", excepto no trecho final, onde está recoberta por uma capa de material arenoso, cada vez mais consistente até obstruir a continuação da gruta.

Nesta parte final da gruta, verificam-se alguns desmoronamentos de blocos, do tecto da galeria.

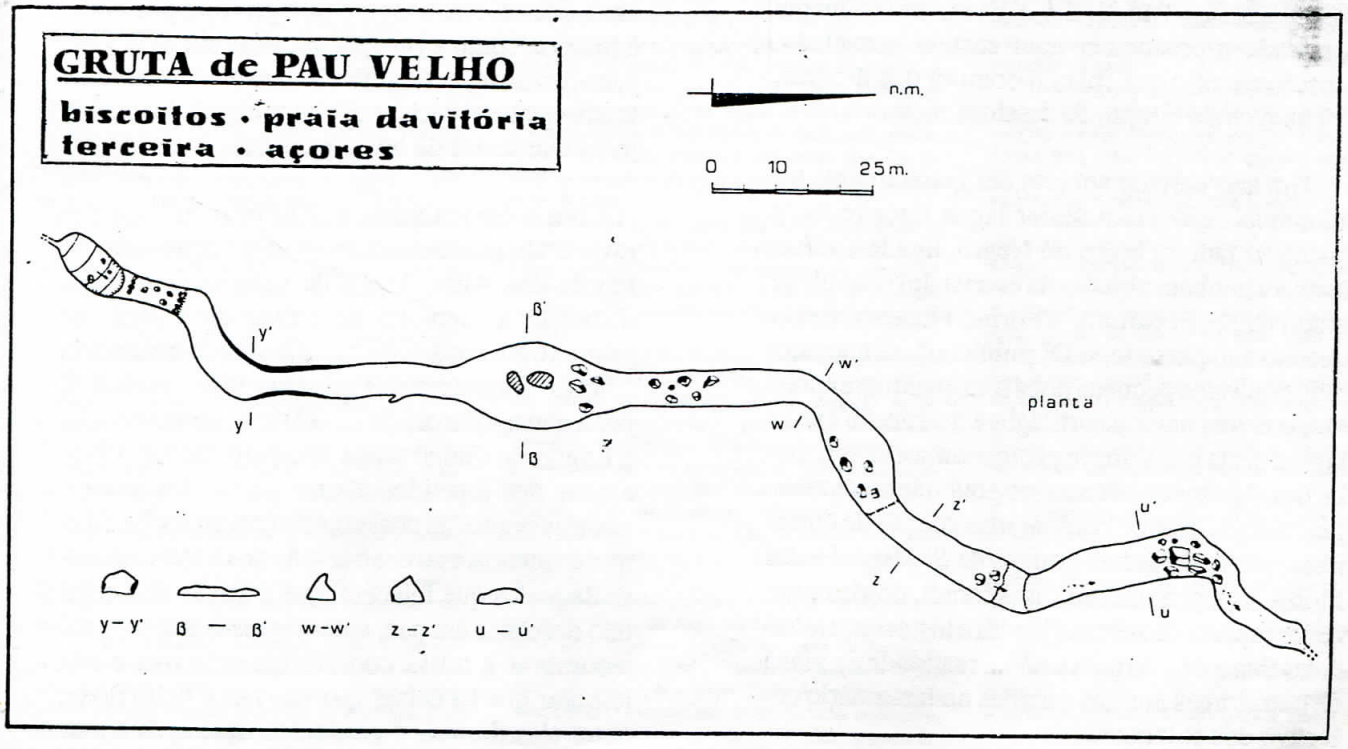
Sobre os sedimentos, um pequeno curso de água, que só tem significado quando as chuvas caem em grande quantidade, deixa um sulco pouco definido; este curso de água perde-se por um pequeno furo ao fundo da gruta.

Em diversos pontos, o perfil transversal da galeria observa-se deformado, em comparação com a primitiva morfologia deste. Isso deve-se a que, no momento da formação do tubo vulcânico, as paredes deste receberam a acção mais ou menos forte do peso do tecto já solidificado da gruta.

Esta descrição física e morfológica da GRUTA DOS PRINCIPIANTES é baseada em artigo publicado na revista "Speleon", por Alfred Montserrat/Nebot/Marti Romero/Rectoret (equipa de pesquisas espeleológicas do C.E.C. de Barcelona) e subordinado ao título "Noves dados sobre el coneixement vulcano espeleológic de l'Illa de Terceira (Açores-Portugal)", 26-27, páginas 93-104, 1983.

"OS MONTANHEIROS" prestaram, então, valiosa colaboração aos espeleólogos catalães que, nessa altura, visitaram igualmente outras cavidades da Ilha Terceira.

Desta GRUTA DOS PRINCIPIANTES, em todos os seus principais aspectos, foi recentemente feito o registo videográfico(Novembro de 1990), o qual consta do Arquivo da Sociedade.

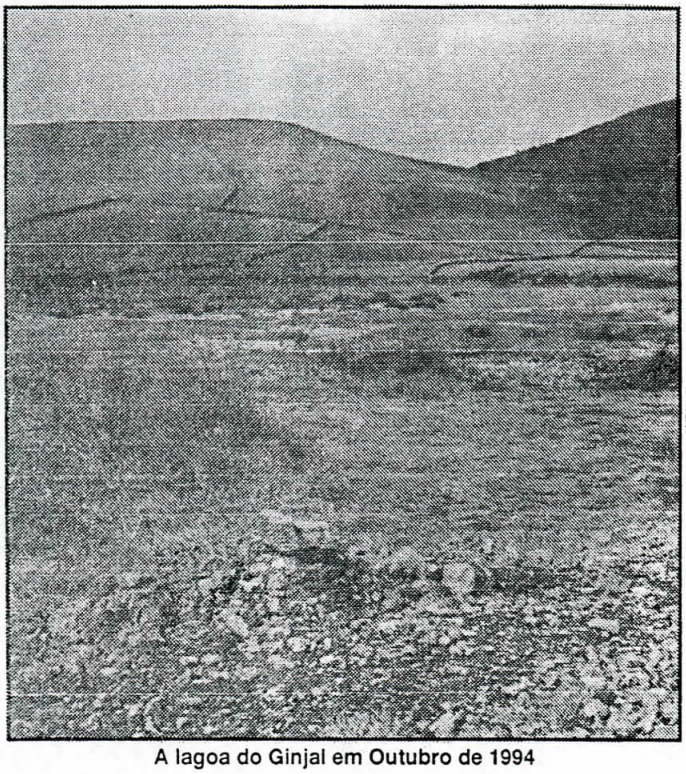


DIÁRIO INSULAR, 1/2.10.1994

In memoriam Lagoa do Ginjal

(nascida aprox. 12 000 a.C. - † 1993)

• J. G. Meneses



A lagoa do Ginjal em Outubro de 1994

Ao ler o número de Agosto passado do boletim "Altos Ares", mensário da Casa do Povo dos Altares, deparei-me com uma das "lendas" incluidas nos "Quadros Açóricos" de Ferreira Deusdado (ortografia actualizada por Jacinta Álamo). Trata-se da "Pérola dos Altos Ares", a história de uma jovem altarense do século XV, misteriosamente raptada e a prisionada num castelo encantado, situado naquilo que, para o comum dos mortais, era a lagoa do Ginjal, de saudosa memória.

Um ano volvido sobre o desaparecimento total daquela que era a maior lagoa terceirense, e quando a famosa lagoa do Negro, ligada a várias lendas e também objecto da escrita de outro nome grado da nossa cultura, Vitorino Nemésio (texto que, no ano passado, o DI publicou), se encontra reduzida a uma pequena poça sem qualquer expressão, convém notar o sortilégio e a atracção que as lagoas desta ilha sempre exerceram sobre as populações. Apesar de pequenas e pouco sensacionais, pelo menos quando comparadas com as de outras ilhas, particularmente com as de S. Miguel e das Flores, as lagoas terceirenses foram, desde muito cedo, capazes de suscitar lendas e histórias, muitas delas transposição para a nóvel realidade açoriana de outras mais antigas trazidas no imaginário colectivo dos colonizadores.

Assim, as lagoas, para além da sua inegável importância ecológica como habitat para muitas espécies que de outra forma não poderiam existir nestas ilhas, estão também ligadas à nossa cultura e às nossas tradições. O seu desaparecimento, no caso da Terceira, infelizmente em boa parte já consumado, é assim uma dupla perda que não creio que o futuro nos perdoe. É pena que passemos à história como a geração que destruiu as lagoas, e, no processo, extinguiu algumas das nossas mais interessantes espécies e eliminou alguns dos pontos mais marcantes da nossa paisagem...

Com a devida vénia ao "Altos Ares" que fez reviver tão interessante texto, aqui vai, ao lado, "A Pérola dos Altos Ares", de Ferreira Deusdado, dedicada à memória da Lagoa do Ginjal, no primeiro aniversário da inglória e tão desnecessária "morte" daquela pérola da natureza terceirense. É pena que após mais de 12 000 anos de existência, a Lagoa do Ginjal tenha desaparecido em 1993, apesar dos repetidos alertas publicados neste e noutros orgãos da nossa comunicação social. Mas que ao menos, e ao contrário do que é hábito dizer-se daqueles que falecem, que a Lagoa do Ginjal não descanse em paz, antes regresse sempre para assombrar a nossa consciência colectiva e nos lembrar que há coisas que não nos é lícito fazer, entre elas destruir o património que após tantos milhares de anos nos foi legado.

A Pérola dos Altos Ares

DR. FERREIRA-DEUSDADO
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

QUADROS AÇÓRICOS

LENDAS CHRONOGRAPHICAS

Editor
Manoel Vieira Mendes da Silva

Proprietario
Dr. Manoel Antonio Ferreira-Deusdado

ANGRA DO HEROISMO
IMPRENSA MUNICIPAL
Officina de composição e impressão
17—Rua da Esperança—19
1907

VI

A pérola dos Altos Ares

(A Senhora Condessa do Rego Botelho)

E talvez alguem sonhasse,
Que esse lago tam falado,
Do *Ginjal* hoje chamado,
Fosse o mesmo que algum dia
Da linda Fada cingia
O palácio ora encantado.

F. JERÓNYMO DA SILVA.

Quem tenha visitado o norte da Ilha Terceira não desconhece as ribas alcantiladas, onde o Oceano quebra com perpétuo rugido, e onde as escarpadas penedias vulcánicas se matizam em redor com chanezas de verdura. Entre os rochosos recortes da aparcelada costa sobresai o gracioso cabedelo, denominado Pico de Martim Simão, que serve de atalaia vigilante á linda povoação de Altos Ares.

Gonçalo Álvarez de Pamplona, natural da cidade da côrte do reino de Navarra, da qual tomou o appellido, estabeleceu-se em Altos Ares logo após o descobrimento da ilha, e aí fundou a ermida de Santa Catharina. Nos fins do século XV habitavam já tambem essa povoação ramos da nobre família dos Regos e dos Baldaias. Erigiram uma igreja, sob a invocação de S. Roque, patrono dos pestíferos. O santo moço francês representam-no os pintores com o trajo de peregrino, expressão nobre e compassiva. Foi deante desta augusta figura que ajoelharam os senhores e os servos de Altos Ares. O vigário da recente paróchia lia, reclinado no seu vicarial faldistorio, a lenda agiográphica do orago. Deante dos que soffreram prostra-se com mais fervor a angústia que busca conforto.

A família Baldaia é oriunda do Porto. A ella pertenceu Fernão Álvarez Baldaia, enviado de D. Affonso V a Luis XI de França, e o insigne Affonso Gonçálvez Baldaia, escanção do Infante D. Henrique, companheiro de Gil Eannez, capitão do varinel, que descobriu a Angra de Ruivos e o Rio do Ouro, que não é senão um braço de mar. Depois nomiado almoxarife do Porto por El-Rei D. Duarte em 1432. Entre os primeiros colonos da Terceira distinguiu-se Affonso Gonçálvez Antona Baldaia, natural da villa de Almeida, e que doou a sua casa em Angra para convento da ordem de S. Francisco. Viera em companhia do capitão donatário Alvaro Martinz Homem. Ha quem suponha que este logar-tenente do capitão donatário é o mesmo Affonso Baldaia, navegador. Do continente veiu tambem Belchior do Rego Baldaia, provedor dos resíduos em S. Miguel, depois vereador do senado da villa da Praia na Terceira.

Os Baldaias não eram baldos de fé nem de intrepidez, por isso apparecem em diversas partes.

Os Regos sam originários da aldeia do Rego, cercanias de Guimarães. D. João I armou cavalleiro na batalha de Aljubarrota a Álvaro do Rego. Trazem por armas: Em campo verde, banda de ondas de azul e prata, carregada de tres vieiras de ouro, realçadas de negro, elmo de aço aberto; e por timbre uma das vieiras do escudo, entre duas palmas de verde, guarnecidas de ouro.

As terras no occidente dos Altos Ares ainda se chamam do Rego por haverem pertencido, como couto, a esta preclara família. Os documentos do século XV escreviam S. Roque dos Altos Ares, que na evolução oral deu por contracção das duas vogaes o nome de Altares.

Dos Regos e dos Baldaias pela linha masculina, e dos Pamplonas pela feminina, nasceu a gentil Pérola dos Altos Ares. O seu anjo custódio suggeriu no baptismo o nome de Pérola, e a gentileza, na risonha adolescencia, fez surgir-lhe cardumes de pescadores de pérolas, que queriam arranca-la do seio da madre-pérola, uma dona alta, de linhas muito finas, meneios fidalgos, alma de mansidão indulgente e bondade communicativa. Para essa mãe, a Pérola dos Altos Ares era o enlevo da alma, o soberano encanto da sua vida.

Esta donzella recebera na graça do baptismo o nome de Pérola do Rego Baldaia. Lembrava no donaire uma *mignonne* da côrte de Anna de Bretanha, raínha de França. Tinha cabellos brilhantes e fartos, dum loiro escuro, com penteado de deusa grega, olhos dum castanho sombrio com brilho de setim umedecido, guarnecidos de cílios curvados cujo olhar rasgava docemente as caligens da alma. Tez de brancura nèvirósea e aperolada. A sua boca orlada de lúcidas pérolas era um cofre de coral vivo, que guardava encantos de fada. A doçura seráphica do sorriso só podia igualar-se á bondade ineffavel do coração. A melódica inflexão da voz encerrava notas fugidas duma lyra celeste. A sua conversa parecia uma chuva de graça a orvalhar as almas.

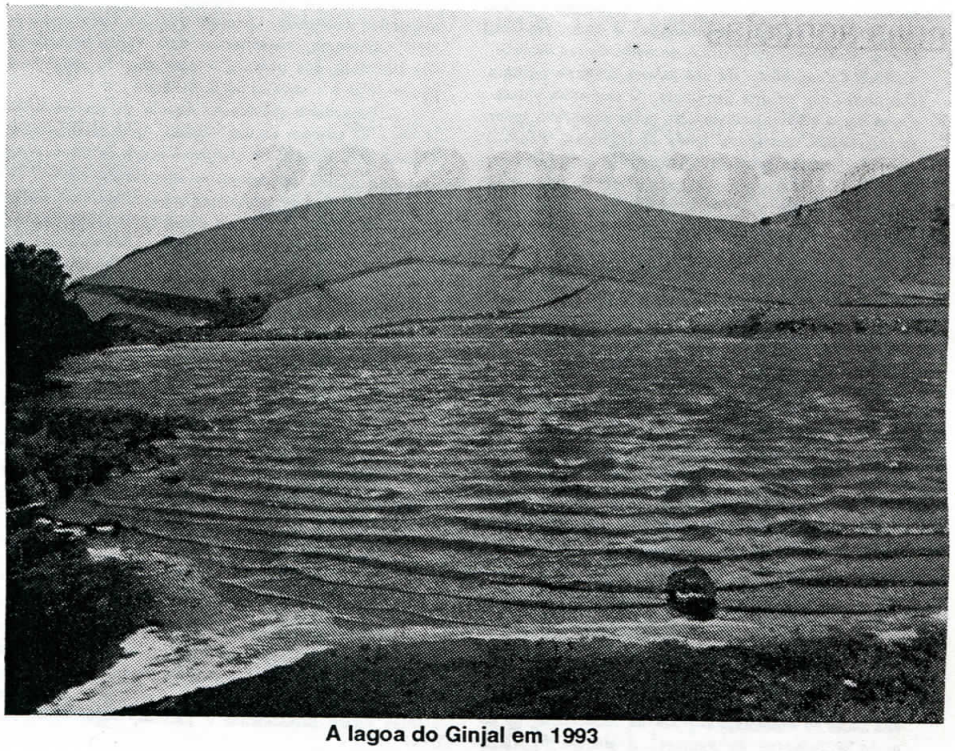
Este mundo abreviado de mimosas delicadezas habitava no século XV os Altos Ares. Uma risonha manhã, de céu estriado de caneluras multicores, pisando saibro, análogo ao das vizinhanças de Pozzolo, descera o eirado gracilmente e fôra, por fascinação estranha, espelhar-se na agua da cisterna. A fada que a esperava, dardejando olhares flammejantes, produziu o encantamento, apossando-se de tão vaporosa imagem, reflectida na agua.

Numerosos cavalleiros e letrados floreteavam em redor della a arma da intrepidez e da gentileza. Todos queriam ser acolhidos no coração de Pérola; a pureza da sua alma vinha das auroras que não teem sombras. Porventura algum delles sentiria o amor puro que espiritualiza a carne e angeliza o espírito?

A fada queria defender a Pérola dos Altos Ares dos humanos pescadores de pérolas para lhe evitar o destino da nympha Bolina. Intentava surprehende-la num collapso, similhante ao somno das flores, a fim de a arrebatar dos Altos Ares para o seu palácio encantado, situado no interior da ilha, junto ao Pico do Vime, cercado de *mystérios*. Esse palácio tinha jardins viçosos, umbríferos bosques. Os jardins de plantas exóticas, os bosques de arvores indígenas, como o cedro, a rumánia, o azevinho, o sanguinho e o páu branco. Nos seus reductos havia as louçanias de louras searas, de papoulas e trigaes. A architectura do estranho castello era deslumbrante.

O marmore, o marfim, a prata e o oiro constituiam os seus materiaes. As columnas eram de ordem compósita, que allia as volutas da jónica aos capiteis corinthios. Os canaes dos triglyphos estavam tauxiados de pérolas. O torreão que servia de miradouro era todo de marfim cinzelado e os corucheus marchetados a madrepérola.

A face voltada para o quadrante do Oriente patenteava-se coberta de faxas polychrómicas. Este era o ninho construido pela fada para a Pérola dos Altos Ares.



A lagoa do Ginjal em 1993

A meia noite, vespera do dia de S. João, as estrellas fulguravam suavemente como sorrisos de anjos. A cruz de granito da igreja de S. Roque dos Altos Ares recortava melancholicamente o céu, dividido pelo caminho de S. Tiago, com o seu branco, côr de galáxia. A lua, pállida rainha da noite, com o seu amplo manto de azul ferrete, constellado de estrellas, escutava compadecida o echo dos pensamentos duma mãe, alma de sublime simplicidade, a quem raptam, por lei inexoravel do destino, do cofre do seu carinho, a pérola da sua filha. Na sua cabeça materna refulgia um nimbo de ridente santidade. O seu amor expandia-se como efflúvio celeste. No solar amparava todos os infortúnios, enxugava todas as lágrimas. Tanto o amor dos homens como o dos deuses é fatal nos seus ímpetos. De futuro, olhando para o mar do terraço da casa solarenga veria, em logar da sua inegualavel filha, as Ondinas toucadas de espuma e soluçantes, a oscular soffregamente as ruivas areias da praia.

A almejada Pérola dos Altos Ares foi, nesta noite, levada pela fada nas suas asas brancas, mais velozes do que o garajão, a *sternua hirundo* dos naturalistas. Enquanto se reza uma Salve-Rainha a Pérola entrava no majestoso vestíbulo do palácio encantado.

A notícia do rapto de Pérola espalhou-se com uma rapidez vertiginosa. Os pescadores de pérolas singravam em batel, com andamento de tres em voga, fluctuando numa costa aparcelada, semiada de traiçoeiros escolhos. Esse batel lutava sem rumo num mar de incertezas. Recorreram ao maravilhoso para descobrir Pérola. Consultaram uma feiticeira, que lhe revelou por geomância o palácio encantado, próximo do Pico do Vime.

Filhos de ricos-homens, infanções, cavalleiros e letrados formaram conselho para desencantar Pérola. O ciume fez treguas. Todos se alistaram no batalhão sagrado. Todos queriam encerrar o seu affecto no precioso cofre das virtudes da gentil donzella. A sua posse transmudava a vida em conto de fadas, porque ella tinha no semblante a graça da innocencia, no coração o thesouro da ventura. A donosa figura de Pérola era a haste de uma bandeira. Uns queriam ir em som de guerra sitiar o palácio encantado, outros opinavam que o assédio era inutil, porque o inimigo tinha condão preter-natural.

Os cavalleiros já retintos no fumo negro das batalhas affirmavam que as suas espadas tinham a lámina afiada para pelejar contra os homens, e a cruz nos copos para pelejar contra Satanaz e contra todos os maleficios diabólicos. Os mais trépidos, que eram os mais numerosos, consultaram uma velha benzedeira dos Biscoitos, que possuia o emblema do cargo — o pandeirinho e o novello de lã de bode.

A benzedeira sentenciou depois de muitos sortilégios e de acordar de um vágado, que os mancebos saissem com theorbas e alaúdes á guisa de trovadores, cantando versos feiticeiros, e executando passes de magia e marchas gyromânticas até avistarem o palacio encantado. Perto do palacio encontrariam uma inscrição sobre um rochedo, que, sendo impressa a prata lhe indicaria o modo de attrahirem Pérola, sendo gravada a fogo, significava que o seu feitiço não tinha força para vencer e que nenhum dos campeões merecia ser esposo de Pérola. Só mais tarde viria um cavalleiro de armadura refulgente do Sangraal.

Com effeito partiram de madrugada. O arco do horizonte estava coalhado de ouro em pó, os empinados píncaros cobertos de urzella, os valles de relva aljofarada.

O cortejo submettia-se até na indumentária aos preceitos da benzedeira. Um dos trovadores cantava:

Se pérolas fossem as lágrimas,
Que eu por ti tenho chorado,
Mandava fazer um forte,
Todo de pérolas formado.

Romperam clamores sonoros de alegria. Ao longe enxerga-se o palácio maravilhoso, resplandecendo á luz do sol. Descem uma encosta, percorrem um valle, sobem uma pequena collina, e no sítio onde momentos antes viram nitidamente o palácio, vêem agora um lago, claro como prata fundida. Denominaram-no lago do Ginjal por existir na sua ribanceira um renque de plantas com este nome, mas estranhas á familia da cerejeira. Não longe do Ginjal descobrem a inscrição, gravada a fogo sobre uma penedia vulcánica, á similhança de runa escandinava. Um dos campeadores que era versado na formosa lingua do poeta venusino lê desolado o seguinte:

Hic, lacu turris venustæ puellæ Margaritæ
flavis capillis se condidit lato

Em português significa: Aqui no espaçoso lago se escondeu o palácio da linda Pérola, donzella de cabellos louros.

Até as paredes do solar dos Altos Ares suspiravam saudosas, depois daquelle momento em que no calado da noite, quando as estrellas vigiam e os lyrios sonham. Pérola fôra levada. Mas a mãe de Pérola tinha o nome da Virgem e era uma piedosa mãe christã; ora o verdadeiro christão traz o céu dentro da sua alma. A fé é um escudo omnipotente contra as angústias da vida e que deixa a esperança como tropheu luminoso em todos os combates. Fortalece as fibras do coração como se fôra uma couraça sagrada. Na própria manhã do subtil rapto, foi ajoelhar deante da imagem de S. Roque, e supplicou-lhe que fosse seu advogado para rebaver a terna filha das suas entranhas. As lágrimas fulgiam no seu rosto como astros duma constellação ideal. No fim da prece uma voz lhe segredou:

— Vai tranquilla, a tua filha está entregue ao anjo da guarda; os amorosos pescadores naufragaram no mar do desengano, e no dia de S. Pedro á hora do sol poente ella desembarcará no teu terraço, acompanhada de um archanjo resplandecente em batel de marfim puxado por um cysne.

Assim succedeu.
Eis a lenda da lagôa do Ginjal.

Nota biográfica

FERREIRA DEUSDADO

Para além de chamar a atenção para o desaparecimento da Lagoa do Ginjal, a inserção de a "Pérola dos Altos Ares" no DI deste fim de semana é também uma justa homenagem ao doutor Manuel António Ferreira Deusdado, um dos insignes professores e reitores do Liceu de Angra.

O doutor Ferreira Deusdado nasceu em 1860, em Rio Frio, Trás-os-Montes, tendo falecido em Lisboa em 1918. Concluiu o Curso Superior de Letras em 1881, tendo entretanto frequentado algumas cadeiras do curso de Agronomia. Tal era a sua reputação que em 1886, apenas com 26 anos de idade, foi nomeado vogal do Conselho Superior de Educação Pública, e em 1887 foi nomeado lente auxiliar do Cursos Superior de Letras, cargo em que lhe coube substituir Pinheiro Chagas. Em 1889 foi o candidato mais qualificado no concurso à cadeira de Filosofia do Colégio Militar. Em 1890 fez concurso para professor liceal em Lisboa, cidade onde leccionou durante alguns anos. Em 1902 era professor do então Liceu Nacional de Angra do Heroismo, tendo depois desempenhado o cargo de seu reitor, permenecendo em Angra quase até à sua morte.

Para além da sua acção como professor, Ferreira Deusdado teve importante actividade científica e cultural, destacando-se nos campos da Filosofia e da Pedagogia. Em 1890 representou o governo português, em substituição de Emídio Navarro, no Congresso Penitenciário de S. Petersburgo, sendo eleito seu vice-presidente. Nesse mesmo ano participou no Congresso para o avanço das Ciências que reuniu em Limoges. Em 1891 foi agraciado pelo imperador Alexandre III da Rússia com a comenda e o grande oficialato da ordem de Santo Estanislau, além do foro de gentil homem da corte imperial russa. Em 1892 representou Portugal no Congresso de Antropologia de Bruxelas, sendo eleito seu presidente honorário. Em 1894 foi incumbido da reforma do ensino correccional português. Enviou e publicou três memórias ao Congresso Penitenciário de Paris de 1895, ano em que foi eleito, aos 35 anos, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Em 1887 recebeu um doutoramento honoris causa em Filosofia e Letras pela Universidade de Lovaina. Em 1899 foi eleito membro da Real Academia de Madrid e em 1900 foi nomeado comendador da Real Ordem de Isabel a Católica.

O seu pensamento, que numa primeira fase se inseriu no neokantismo, ligado a Jaime Moniz e Sousa Lobo, evoluiu posteriormente no sentido do neotomismo.

Foi autor de numerosa bibliografia sobre temas de filosofia, antropologia e pedagogia, para além de notas de viagens e das "lendas", algumas das quais, após publicação em diversos jornais, foram reunidas nos "Quadros Açóricos".

Com este impressionante currículo, M. A. Ferreira Deusdado bem pode ser considerado como um dos mais ilustres professores do Liceu de Angra. Tomara que hoje às Universidades tivessem muitos professores deste calibre.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

N.R. - Para além de toda a história e bucolismo da ex-Lagoa do Ginjal (de que também "OS MONTANHEIROS" fizeram eco por variadas vezes, na tentativa de se perservar a lagoa), refira-se que, de entre todas as fotos que esta Sociedade tem expostas na casa-abrigo do Algar do Carvão, aquela que os visitantes mais solicitam é precisamente a da desaparecida lagoa, devido ao seu enquadramento na paisagem/pastagem típica envolvente que a tornam (tornavam...!) singular entre as demais lagoas da ilha Terceira.

A INFLUENCIA DAS ARVORES NA FORMAÇÃO DAS CHUVAS

Ha já muitos annos que se nota em todos os paizes grande irregularidade na distribuição das aguas, manifestando-se principalmente este desequilibrio pela falta de chuvas brandas, mas seguidas, nas estações proprias, e por inundações repentinas que destruem os campos e arrazam as cidades.

Este estado verdadeiramente calamitoso, e cujos effeitos se vão sentindo de modo assustador na Europa e na America, mereceu afinal as attenções da Academia das Sciencias de Vienna, a qual acaba de convidar os corpos scientificos das outras nações para que se occupem do assumpto e concorram com as suas observações para a resolução de tão grande problema.

Os factos que determinaram a circular da Academia de Vienna foram o decrescimente progressivo de todas as nascentes, e sobretudo a diminhição das aguas no Danubio, no Elba e no Rheno.

Além da Academia das Sciencias, accrescenta o «Athenæum», occuparam-se tambem d'esta questão, não só a corporação dos engenheiros hydrotechnicos, mas tambem a «União dos Architectos», sendo a commissão por elles nomeado unanime em affirmar que o tão prejudicial decrescimento das aguas é principalmente devido á devastação das florestas, terminando por declarar o negocio urgente, e recommendando a adoptação immediata de medidas energicas.

Segundo o nosso pensar, e crêmos que segundo a opinião de todas as pessoas reflectidas, os engenheiros austriacos assignaram a verdadeira causa a tão fatal phenomeno; e se isto assim é, o remedio consiste necessariamente na operação inversa, isto é nas plantações e nas sementeiras feitas sem descanço em todos os terrenos que não sejam absolutamente necessarios para outras culturas. Como porém, do dizer ao fazer vae muita differença, e o assumpto é da mais alta importancia, não será sem interesse insistirmos sobre elle e expormos certos principios, cuja vulgarisação julgamos necessaria.

Pondo de parte quaesquer theorias, é hoje um facto incontestavel que nem o homem, nem nenhum dos outros animaes que respiram por pulmões poderiam existir se a atmosphera saturada de gazes e vapores improprios para a vida não tivesse sido purificada por um trabalho lento, mas continuo, durante muitos seculos. E todos concordam, ainda que tal purificação foi devida ás immensas florestas que, desde a primeira epocha geologica, cubriram a superficie do globo. As massas enormes de carvão de pedra que hoje nus fornecem a luz, o calor e a força motriz, representam o carbono, que no estado de acido carbonico era um meio asphixiante e improprio para a respiração.

Mas será racional suppôr que a benefica influencia das arvores deixou de ser necessaria desde que o ar que respiramos adquiriu a conveniente proporção de gaz oxygenio? Não, mil vezes não. As arvores e os bosques são os auxiliares indispensaveis da especie humana, e é tão impossivel viver sem florestas como sem ar, sem luz e sem calor. E' esta uma verdade de que se deviam compenetrar todos os governos, todas as corporações, todos os proprietarios e, finalmente, todos aquelles que cortam as arvores para vender o carvão ou a madeira e não as substituem, pela unica razão que uma arvore leva meio seculo a crescer, e que d'aqui a meio seculo já elles não existem! Egoismo quasi tão geral como condemnavel, e que prepara ás gerações por vir um futuro de desolação e de miseria.

Sem entrarmos por agora na utili-

dade das arvores debaixo do ponto de vista da hygiene publica, insistiremos apenas sobre a sua influencia na formação e queda das chuvas, no regimen dos rios e das fontes e, sobretudo, no modo como as arvores concorrem para a regularidade e abundancia das aguas.

Todos sabem actualmente que o giro das aguas na superficie e no interior do globo é devido a uma verdadeira distillação. As aguas evaporam-se da superficie dos mares, dos lagos e dos rios condensam-se nas partes frias da atmosphera, cahem na fórma de chuva, e ou correm á superficie da terra outra vez para o mar, ou penetram no solo e dão logar ás fontes, as quaes, por sua vez, alimentam os rios, voltando afinal ao deposito commum, aos grandes mares.

Ora, é claro, como mostram observações exactas, que sendo a evaporação em cada anno proximamente a mesma, deve ser a quantidade de vapor de agua que sobe ás regiões superiores da atmosphera, dependendo portanto o desequilibrio que se nota na queda das chuvas em cada região, unicamente da condensação. E como a condensação depende em grande parte das arvores, é para este lado que se devem voltar todas as attenções.

Que as arvores não só determinam a formação das chuvas, mas tambem e principalmente regularisam a sua queda, evitando ao mesmo tempo as grandes inundações e as grandes estiagens, é opinião geral entre os meteorologistas.—«Nas regiões onde faltem as arvores, escreve o snr. Gasparin, sobem os vapores de agua sem nenhum impedimento, e sobem sempre até encontrarem o frio que deve condensal-os; estendem-se, rolando sobre o flanco das montanhas despidas, e vão accumular-se na região onde uma temperatura mais baixa determina a condensação. Se as encostas são arborisadas, se as collinas e as rechãs successivas e são tambem, a condensação opera-se sobre todo o trajecto, porque em todo é mantida a baixa temperatura pela acção dos bosques, e n'este caso a agua cahe nas partes mais baixas, nas planicies, sobre as collinas e, finalmente, a todas as alturas. Se, porém, as planuras são desarborisadas e as encostas núas, uma reverberação poderosa, dando logar a uma columna ascendente de calor repelle as nuvens, a condensação não tem logar senão nas partes mais altas, as chuvas são simultaneas em vez de successivas, obram sobre o mesmo logar e produzem as inundações. Eis aqui como os bosques, attrahindo os vapores, determinam as chuvas e a distribuem de um modo mais regular.»

Onde não ha florestas o ar torna-se demasiadamente secco, a chuva é rara, as fontes seccam e o terreno torna-se improprio para a vegetação. E' isto o que diz a historia e o que confirma a observação. Os extensos «steppes» do Volga e do Dão foram terrenos fertilissimos emquanto tiveram florestas, mas logo que as destruiram tornou-se o terreno arido e esteril. A Sicilia e a Sardenha, excessivamente ferteis ha mais de dois mil annos, pouco produzem actualmente, e isto porque foram cortadas as florestas. As duas Castellas, a Extremadura, parte do Aragão e de Granada, foram muito mais productivas do que actualmente, devido este effeito ao córte das arvores.

Se quizessemos exemplos de casa iriamos buscal-os ao Minho e ao Douro. A provincia do Minho é na quasi totalidade composta de um solo granitico, terreno que, como se sabe, é dos menos ferteis debaixo do ponto de vista da agricultura. Entretanto é esta a mais povoada e tambem a mais productiva de todas as provincias. E por que? Porque o Minho é fortemente arborisado. Cortem as arvores e verão seccar immediatamente todas as nascentes, ficando estanques os pequenos mas multiplicados arroios, que, serpeando em cada valle, fornecem á terra a indispensavel humidade e aos vegetaes o mais necessario de todos os elementos.

Ao contrario do Minho, o paiz vinhateiro do Douro póde servir de

exemplo do quanto o córte das arvoros é prejudicial. Antes da instituição da Companhia, toda a região comprehendida entre a antiga comarca de Penaguião e Villa Real era arborisada e, por consequencia, abundavam as aguas. Depois, tendo sido destruidos os bosques para plantar vinhas, as aguas faltaram e hoje é o Douro uma das regiões mais faltas de agua do nosso Portugal.

Quem ha que, visitando a luxuriosa matta do Bossaco, não tenha notado o contraste entre o lado poente da serra e a encosta do nascente, onde existe a matta? Aqui a frescura, a vida, o bom ar e, sobretudo, as fontes abundantes; do outro lado a aridez, a seccura e a completa ausencia de vegetação.

Se da Europa passarmos á America, tão bem estudada debaixo d'este ponto de vista por Mr. Boussingault, encontraremos milhares de factos a confirmarem a importancia dos bosques no regimen das aguas e na modificação dos climas. Para não sermos porém muito extensos, citaremos apenas o seguinte: Em 1826 existiam apenas na ilha de Marmató algumas miseraveis cabanas. Tendo-se porem descoberto na ilha uma mina de ouro, vieram a esta região os especuladores e converteram o logar, até então deserto, em centro de animado commercio. Como porém similhante transformação trouxesse consigo o corte das florestas, aconteceu que, passados apenas dous annos, não só desappareceram todas as fontes, mas ainda os pequenos ribeiros que tinham por origem o monte S. Jorge. Mas o que é na verdade muito notavel é que, segundo observações exactas, a quantidade annual da chuva não tinha diminuido, mas cahindo toda junta e correndo em torrentes á superficie, não teve tempo de infiltrar-se na terra e alimentar as fontes.

No seu interessante relatorio sobre os phenomenos meteorologicos da America, Mr. Boussingault escreve ainda: — «Estudando debaixo dos tropicos a relação estreita que existe entre a arborisação e a queda das chuvas, formei a este respeito uma opinião que tenho feito partilhar a muitos observadores. Para mim é fora de duvida que o corte das arvores diminue a quantidade das aguas pluviaes que cahem annualmente em uma dada região. O continente americano offerece-nos duas regiões muito extensas e collocadas exactamente nas mesmas condições de temperatura, nas quaes se encontram successivamente as mais favoraveis condições para a formação das chuvas e aquellas que lhe são inteiramente oppostas. Partindo do Panama na direcção do sul encontra-se a bahia de Cupico, as provincias de Buenaventura, de Choco e de Esmeralda. N'este paiz coberto de florestas, as chuvas são quasi continuas, e no interior do Choco não passa sem chover um unico dia. Para além de Tumber, do lado de Payta, começa uma ordem de cousas inteiramente differentes; as florestas, tendo sido cortadas, tornou-se o solo arido e a cultura nulla. Disseram-me, estando em Payta, que ha dezesete annos não tinha cahido no paiz uma só gota de agua. Assim, no Choco, que é coberto de florestas, chove sempre, emquanto que na costa do Peru, de onde as arvores desappareceram, não chove nunca, posto que esta região esteja collocada exactamente nas mesmas circumstancias.»

Poderiamos alongar muito mais este artigo, mas parece-nos ter dito o bastante para chamar sobre o assumpto a attenção do governo, das auctoridades e do povo; sobretudo d'este ultimo, que se deve ir preparando para poder prescindir da tutela do poder central e começar finalmente a governar-se por si e a trabalhar para si.

Antonio Girão.

(in "O CULTIVADOR", 1873)

DELIMITADAS, EM S. MIGUEL

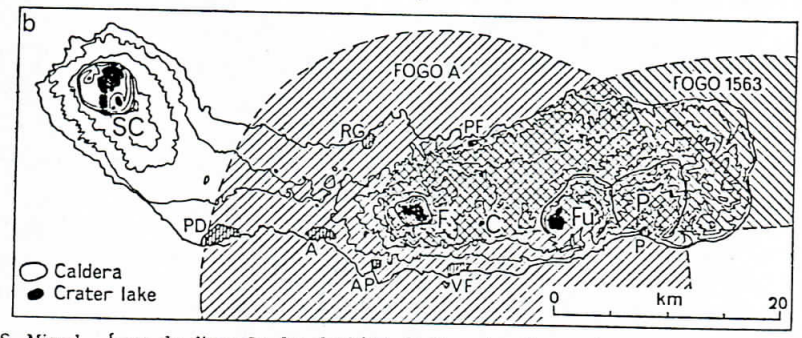
DUAS ERUPÇÕES PLINIANAS

Editado pela Geological Society of London encontra-se a público um valioso e exaustivo trabalho sobre duas erupções plinianas das ilhas dos Açores (cf. *Journal of the Geol. Soc. L.*, v. 127, pp. 17-55, Jan. 1971), sendo autores os reputados vulcanólogos George Walker e Ronald Croasdale.

G. Walker e R. Croasdale exploraram os depósitos de pedra-pomes que existem na Serra de Água de Pau (vulcão do Fogo) na ilha de S. Miguel dos Açores, e conseguiram separar os produtos da erupção de 1563 dos materiais projectados em outra anterior, ocorrida há cerca de 4 600 anos. O vulcão de Água de Pau localiza-se sensìvelmente a meio de S. Miguel e nele disfrutam-se paisagens de grande interesse científico e turístico.

O estudo de Walker e Croasdale é um bom contributo para uma definição mais perfeita do que se entende por *erupção pliniana* visto que os termos *pliniano* e *vulcaniano* se utilizam correntemente tomando como base observações contemporâneas de fenómenos eruptivos, desprezando-se a importância dos depósitos deles resultantes.

Ao tentar redefinir «erupção pliniana» Walker e Croasdale utilizaram métodos de investigação granulométrica aplicados *in situ*, para isso percorrendo numerosos locais de S. Miguel e estabelecendo cortes estratigráficos de grande pormenor. Passando os elementos determinados no campo (diâmetros, densidades, petrografia, etc.) e os dados obtidos no gabinete (desvios, diâmetros médios, frequências, etc.) a gráficos e mapas, aqueles autores conseguiram traçar isopacas e isógradas de pedra-pomes e doutras projecções (blocos, bombas, cristais). Dos resultados obtidos deduziram-se outros parâmetros: velocidades iniciais das partículas projectadas, alturas das nuvens de piroclastos, etc.



S. Miguel. Áreas de dispersão dos depósitos de Fogo A e Fogo 1563, segundo G. Walker e R. Croasdale (1971). SC — Sete Cidades, PD — Ponta Delgada, RG — Ribeira Grande, A — Lagoa, PF — Porto Formoso, F — Lagoa do Fogo (do Vulcão de Água de Pau), AP—Água de Pau, VF — Vila Franca, C — Lagoa do Congro, Fu — Furnas, P — Povoação (caldeira), p — Povoação. Equidist.: 200 m.

Os depósitos de *Fogo A* (com cèrca de 4 600 anos) assinalam uma actividade de *explosões gasosas contínuas*, com pequenas variações de intensidade e energia e possìvelmente responsáveis pelas correntes de material piroclástico que, de tempos a tempos, se escoavam pela encosta do aparelho vulcânico e que chegaram a atingir 7 km de extensão. As técnicas da granulometria permitem distinguir mantos piroclásticos deste tipo dos depósitos provenientes da *nuvem pliniana*. Os autores concluíram que houve uma mudança nos estágios finais da erupção *Fogo A:* o tipo pliniano passou gradualmente (?) a vulcanismo e no magma (inicialmente traquítico) houve diferenciação no sentido de maior basicidade. O volume total de produtos emitidos foi de 0,6 a 0,7 km³ (convertidos em produtos não vacuolares).

A erupção de 1563 (portanto histórica) forneceu ¼ do volume anterior. Menos violenta, originou depósitos bem estratificados, apesar de chuvas posteriores terem contribuído para uma melhor calibragem dos piroclastos.

O contorno da região de S. Miguel (cf. gravura anexa) atingida por *Fogo A* é quase concordante com o contorno do aparelho central; porém, o de 1563 apresenta-se bastante alongado para leste, indicando vento forte de oeste, quando da erupção. O vento foi decerto o maior responsável pela boa calibragem dos materiais piroclásticos de *Fogo 1563*.

G. Walker e R. Croasdale no final analisam as consequências sociológicas do seu estudo, tema por sinal raramente tomado em conta nos Açores mas de extrema actualidade. Assim, consideram que o vulcão de Água de Pau se deve encontrar activo e que é de admitir a ocorrência de novas erupções explosivas. A existência de aberturas nas paredes da caldeira viradas a sul podem condicionar por ali a saída de torrentes de lama; uma erupção do tipo *Fogo A* afectou uma área de 400 km²!

O volume da caldeira é sensìvelmente igual ao dos produtos piroclásticos pelo que se admite a sua origem em fenómenos de subsidência após a fase explosiva.

De acordo com o texto, cooperaram no trabalho os Serviços Geológicos de Portugal e o Dr. V. H. Forjaz (Faculdade de Ciências de Lisboa).

Out./1971.

NUNO SANTA MARIA FERNANDES

(in "VULCANO", Suplemento do "ARQUIVO AÇOREANO", 1971)

Serra de Água de Pau — Lagoa do Fogo — Fotog. Nóbrega

"EPICENTRO"

No dia 18 de Setembro de 1994, cumpriu-se o penúltimo dos passeios integrados na "ROTA DO AÇOR-94", e denominado "EPICENTRO".

Os vinte sete participantes neste passeio, com idades compreendidas entre os 12 (Cátia) e os 64 anos (Alfredo), partiram da sede de "OS MONTANHEIROS" pelas 09H40, em transporte do R.I., rumo ao "Maunto".

Por volta das 10H00, deu-se início à caminhada em direcção ao Pico das Caldeirinhas e, circundando este, seguiu-se para o Pico do Fogo, ou seja, "os restos dele". É desolador ver actualmente este Pico,principalmente para quem o conheceu noutros tempos, luxuriante de vegetação. É de lamentar o que foi feito pela força das "lagartas" na extracção de milhares de camiões de bagacina: nem que este pico fosse a única tábua de salvação para a terraplanagem de Caminhos de Penetração! (Até parece o areal da Praia da Vitória, sustentando toda a construção na Ilha!). Mas,já é habitual, infelizmente, a extracção de bagacina em dezenas de picos da Ilha Terceira, deixando neles uma mancha negra, verdadeiro atentado ao ambiente paisagístico : o Pico do Fogo (hoje praticamente desaparecido) era, em conjunto com o Pico das Caldeirinhas e o Pico Vermelho, o único testemunho da erupção vulcânica de 21 de Abril de 1761,conforme narraram os nossos historiadores.

»

Em cima: um grupo de participantes no passeio observa as habilidades do Casinha e do Alfredo no ex-pico do Fogo. Em baixo: o grupo que percorreu cerca de 100m...da Gruta da Malha

Os Serviços Florestais quiseram pôr termo a este estado de coisas, tapando todas as entradas para esta área, louvando-se este facto no intuito de poupar o que ainda resta do Pico, mas, infelizmente, a Terceira tem sido abalada por actos de vandalismo e, aqui, não se fugiu à regra : arrombaram as cancelas de ferro, e continuam com a extracção de bagacina e, o pior, é que alguém se lembrou de começar a fazer o mesmo no Pico Vermelho! É pena que ainda hoje haja alguém (quem?) com vontade de apenas se servir, não respeitando a beleza paisagística e ambiental em que a que a Natureza foi tão pródiga a nos legar como testemunho da erupção vulcânica de 1761.

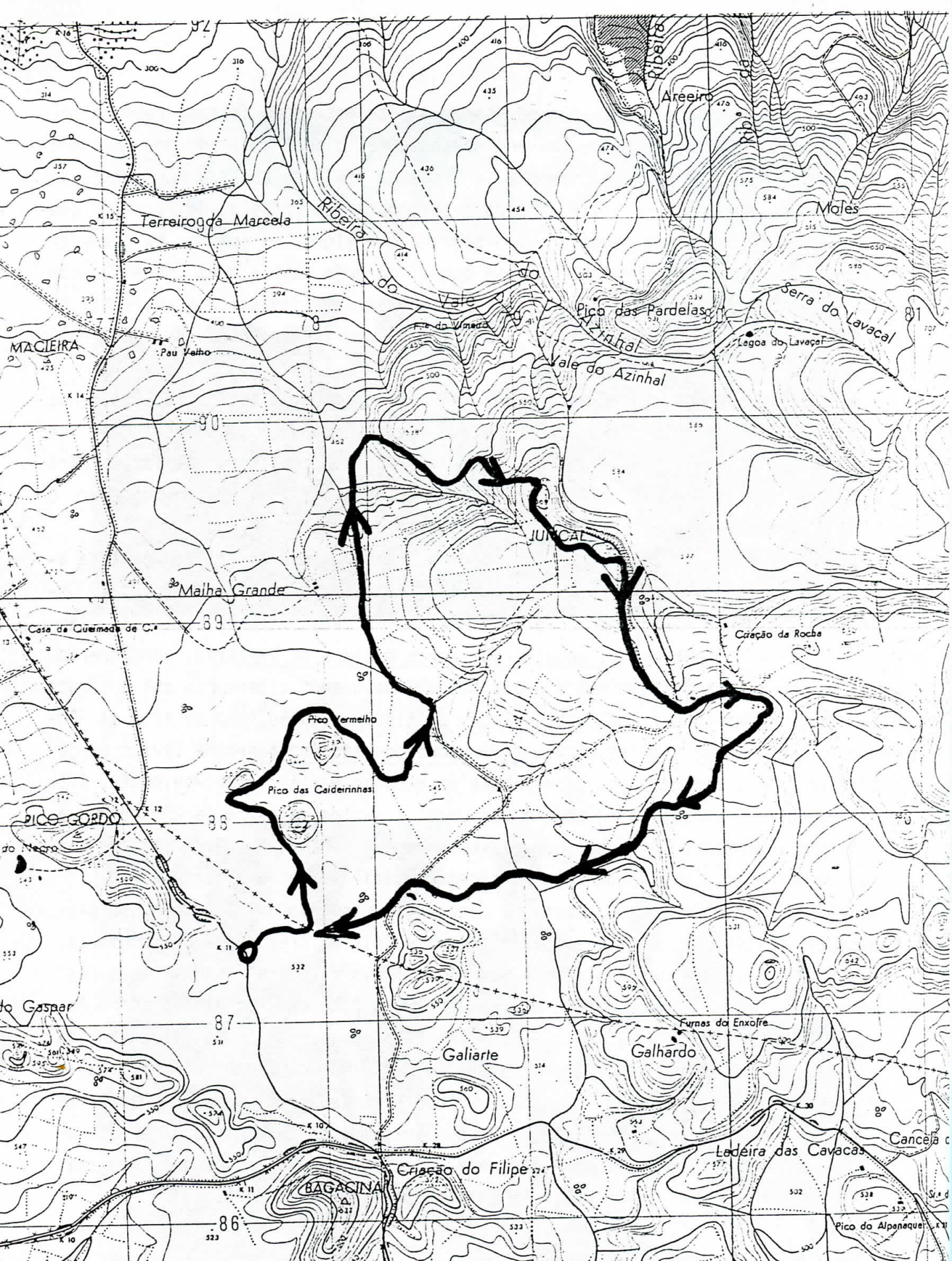
Lembramos que, para extracção de bagacina, existem outros locais na ilha,menos aprazíveis e até de mais fácil acesso do que esta zona. Daqui apelamos a quem de direito no sentido de se salvaguardar toda esta área, carregada de história, para que, um dia mais tarde, os nossos descendentes tenham a felicidade de conhecer o resplendor, a beleza e a força que a Mãe Natureza nos legou.

Bem, vamos voltar à caminhada. Depois de se fazer uma curta paragem na área acima referida, seguiu-se até à Gruta da Malha, situada perto do "Outeiro das Doninhas", mais propriamente no "Covão das Ovelhas" e relativamente perto do "Pau Velho". Fez-se uma paragem e, aqueles que foram munidos de lanterna, percorreram cerca de 150 metros dos 450 que a gruta mede. Continuando o percurso até à "Gruta dos Buracos", fez-se ali uma curta paragem partindo-se,então,rumo ao alto da Rocha do Chambre; depois de se atravessar a zona de biscoito (derrame lávico da já citada erupção), dirigimo-nos para a base do Pico do Narião, dando-se,então, início à parte mais cansativa de todo o percurso: a subida de cerca de 250 metros até ao marco geodésico da Rocha, com breves paragens durante a subida,para ganhar fôlego e apreciar a extraordinária paisagem que dali se podia admirar.

Chegando ao marco, fez-se a paragem para o tão desejado almoço. Eram, aproximadamente, 13H00. Enquanto se almoçava, e entre dois ou três dedos de conversa, lá se foi admirando a panorâmica que se nos deparava : toda a "reserva integral" do Biscoito da Ferraria, a nossos pés,que inclui o Pico das Pardelas,o"Morro Assombrado", o Biscoito Rachado e o Pico Alto. Pena é que metade do Biscoito da Ferraria, e toda a vasta área da Terra Brava (incluindo o Pico Agudo) não façam parte desta "reserva integral" : actualmente é propriedade da CELBI,responsáveis pela infeliz plantação de eucaliptos. Ao que julgamos saber, estará em estudo uma possivel negociação entre as autoridades locais e a CELBI?!...Oxalá a mesma se concretize para bem da preservação da mais bela floresta da Ilha Terceira.

Cerca das 14H00, retomou-se a caminhada pela berma superior da Rocha até se atingir a Canada do Chambre (os mais audazes desceram pelo conhecido "Morro do Chambre").

»


Areeiro
Ribeira
Moles
Terreiro da Marcela
Ribeira do Vale
Pico das Pardelas
Serra do Lavacal
Lagoa do Lavaçor
MACIEIRA
Pau Velho
Vale do Azinhal
JUNCAL
Malha Grande
Casa de Guarda de C.ª
Criação da Rocha
Pico Vermelho
Pico das Caldeirinhas
PICO GORDO
Furnas do Enxofre
Galiarte
Galhardo
Ladeira das Cavacas
Criação do Filipe
BAGACINA
Pico do Alpenaquer
Ribeiro
87
88
89
90
86

Os caminhantes, abordando a entrada para a Gruta da Malha, durante o passeio

PARTICIPANTES

ADAM CASINHA - ADELINA OLIVEIRA - ALFREDO MONIZ - ANA PATRICIA ROCHA - ANA PAULA ROCHA - AUGUSTO ELAVAI - KATIA LOBÃO - CONCEIÇÃO FIALHO - DARIO FURTADO - DIOGO VELLOSO - FATIMA DRUMOND - ILDEBERTO ROCHA - JOÃO FERNANDES-JORGE MATEUS - JOSE FICHER -JOSE MARIA - LINA OLIVEIRA - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS -MARCO ESCOBAR - MARGARIDA LEONARDO - MIGUEL SILVEIRA - NUNO GONÇALVES - PAULO BARCELOS - PAULO MONTEIRO - PAULO SOUSA - TANIA BRASIL

Antes de se iniciar a subida para o Pico do Tamujo (também conhecido por "Pico do Dedo"), aproveitou-se para se tirar a foto de grupo, com a Rocha do Chambre em fundo e, depois, foi uma subida fácil até ao alto deste Pico onde, por alguns momentos todos descansaram um pouco e admiraram a beleza da paisagem que nos rodeava : o "Sanguinhal" (vasta área brutalmente revirada pelas máquinas para a plantação do famigerado eucalipto), cercado pelo Pico dos Sanguinhos, Pico do Guindaste, Pico da Pedra Lisa, Pico do Mau Olho, Pico do Miradouro, Pico da Rama e o Pico do Tamujo. Na parte mais baixa do Sanguinhal ainda se podem ver os contornos daquela que foi a maior lagoa da Ilha (Lagoa do Sanguinhal), hoje extenso vale dodo coberto de "mofedo" (turfeira).

Finalmente, fez-se a descida pelo lado oposto ao da subida,passando perto da Criação do Galhardo, atravessando-se a Criação dos Fetos até se alcançar o Pico dos Pedreiros pelo lado norte, onde ainda se pode observar o resto da Lagoa das Patas (área da freguesia dos Biscoitos), hoje apenas um pequeno charco. Depois,apanhou-se a estrada de terra batida que vai sair perto do Pico da Galinha, termo do passeio.

As condições atmosféricas foram boas durante todo o trajecto, tornando o passeio agradável para todos os participantes (alguns pela primeira vez) que nem notaram que caminharam cerca de 11 Km.

O regresso a Angra verificou-se pelas 16H00, em carrinha do REgimento de Infantaria de Angra, gentilmente cedida para o efeito pelo respectivo Comando, que aqui muito se agradece.

JOSE MARIA

"TERRA BRAVA"

RESCALDO

Marcado inicialmente para o passado dia 2 de Outubro, o último passeio da "ROTA DO AÇOR-94" foi, então, devido às previsíveis (e certas!) más condições meteorológicas, adiado para o dia 16 deste mesmo corrente mês.

E foi uma opção acertada, já que este domingo de Outono amanheceu a fazer lembrar ainda o Verão, isto apesar de, na véspera ter feito bastante mau tempo.

Com considerável atraso, e devido à grande afluência de participantes, não habitual no último passeio, (o que originou dificuldades inesperadas de transportes) a caravana-auto foi partindo rumo à Praça Rafael Azevedo, junto ao Algar do Carvão.

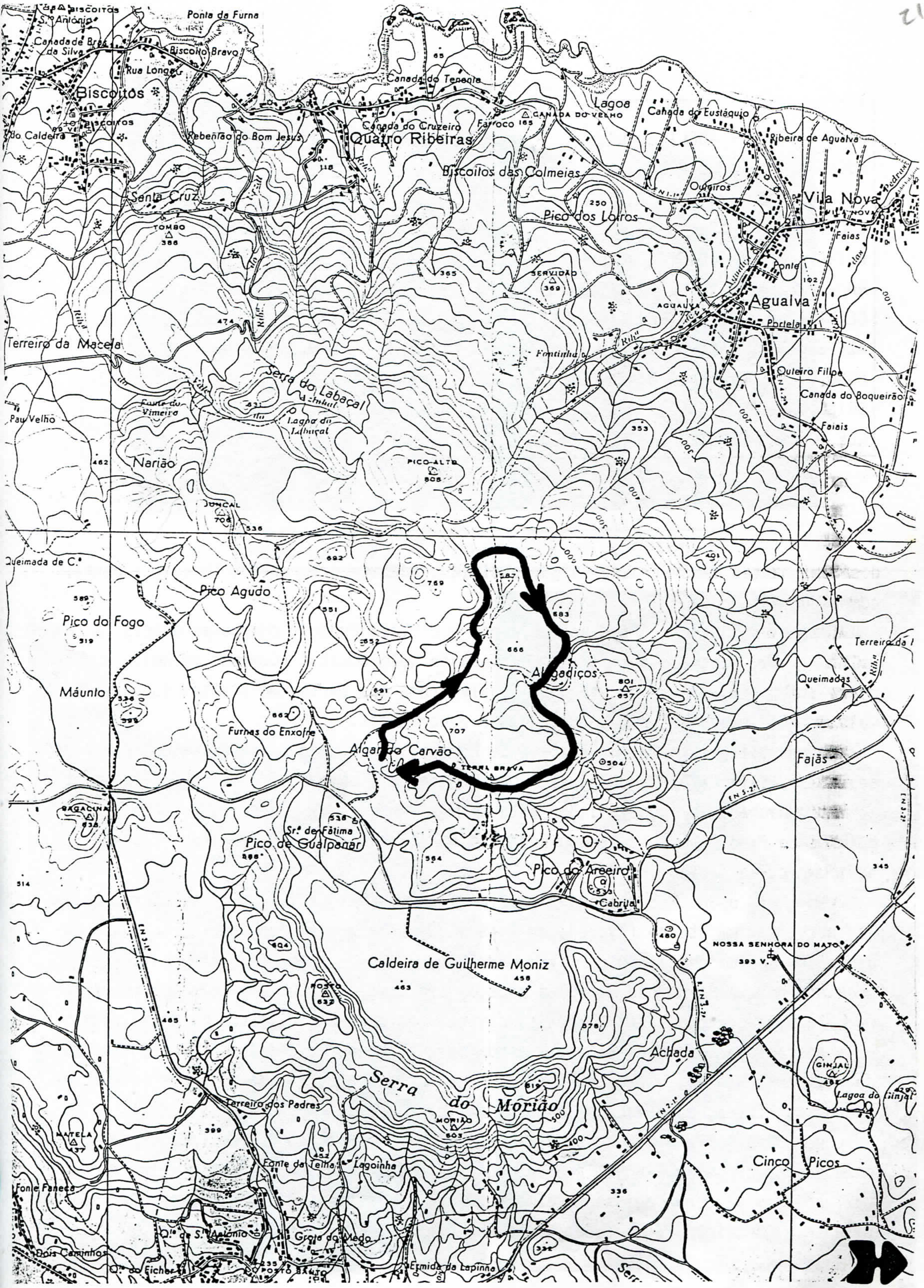
No "carro da Organização", último a chegar ao Algar, foram transportados todos os mantimentos e condimentos para o "churrasco" habitualmente levado a efeito por ocasião do termo de cada programa anual de passeios, o qual iria ser preparado,como sempre, pelo nosso querido avôzinho Jorge Espadinha, acolitado desta feita por Marco Ficher e Luis Pimentel.

Os restantes 51 participantes, e depois de tirada a foto de grupo, iniciaram a caminhada já passava das 10H30, enquanto o avôzinho dava começo à preparação do apetecido churrasco.

O passeio iniciou-se com a subida da grota do "Pico da Castanha", rumo à Serra da Agualva, ascensão essa que, por ser algo extensa e íngreme, levou a que alguns

▶▶

Vários aspectos da caminhada final da "ROTA DO AÇOR-94,na área da Serra da Agualva


Biscoitos
S. António
Ponta da Furna
Canada de Bras da Silva
Biscoito Bravo
Rua Longa
Canada do Tenente
Lagoa
Canada do Eustáquio
Canada do Velho
Canada do Cruzeiro
Farroco
do Caldeira
Rebentão do Bom Jesus
Quatro Ribeiras
Ribeira de Agualva
Biscoitos das Colmeias
Outeiros
Vila Nova
Santa Cruz
Pico dos Loiros
Tombo
Faias
Ponte
Servidão
Agualva
Portela
Terreiro da Macela
Fontinha
Outeiro Filipe
Serra do Labaçal
Canada do Boqueirão
Fonte do Vimeiro
Lagoa do Labaçal
Pau Velho
Faiais
Narião
Pico Alto
Juncal
Queimada de C.
Pico Agudo
Pico do Fogo
Terreiro da
Algadiços
Máunto
Queimadas
Furnas do Enxofre
Algar do Carvão
Terra Brava
Fajãs
Sr.ª de Fátima
Pico de Gualpanar
Pico do Areeiro
Cabrito
Nossa Senhora do Mato
Caldeira de Guilherme Moniz
Achada
Ginjal
Lagoa do Ginjal
Serra do Morião
Terreiro dos Padres
Morião
Matela
Fonte da Telha
Lagoinha
Cinco Picos
Fonte Faneca
Q.ta de S. António
Gruta do Medo
Dois Caminhos
Q.ta do Fichor
Posto Santo
Ermida da Lapinha

PARTICIPANTES

ADAM CASINHA - ADELINA OLIVEIRA - ALFREDO MONIZ - ALVARO GRAÇA - ANA PATRICIA ROCHA - ANA PAULA ROCHA - ANTONIO ESCABECHE - ARJAL STEFELAAR - BECU BRIGITTE - CARLOS MOREIRA - CONCEIÇÃO FIALHO - CRISTINA MARROTE - DEBORA FERNANDES- DIOGO VELLOSO - DORA ALENCASTRE - EUGENIA SILVA - FATIMA DRUMOND - FERNANDO PEREIRA - FILIPA MOREIRA - FRANCISCO CESAR - FRANCISCO INACIO - FRANCISCO PEREIRA - FREDERICO TEIXEIRA - GONÇALO MOURA - ILDEBERTO ROCHA - IVAN GARCIA - JORGE MATEUS - JOSE FICHER - JOSE MARIA - LINA OLIVEIRA - LIZETA OLIVEIRA -LUCIA AZEVEDO - LUIS MIRANDA - LUIS VASCONCELOS - MARIA VAN MANEN - NUNO GONÇALVES- NUNO SALVADOR - PACO DIAZ - PAULO MIRANDA - PEDRO BORBA - RICARDO PACHECO- RODRIGO VALADÃO - SANDRA MENESES - SARA PICHOTTA - SEYNAEVE TIM - STEPHANE CARLLE - TIAGO PEREIRA - VANESSA FRANCO.

dos caminhantes demonstrassem algumas dificuldades de progressão, todavia superadas com algum esforço.

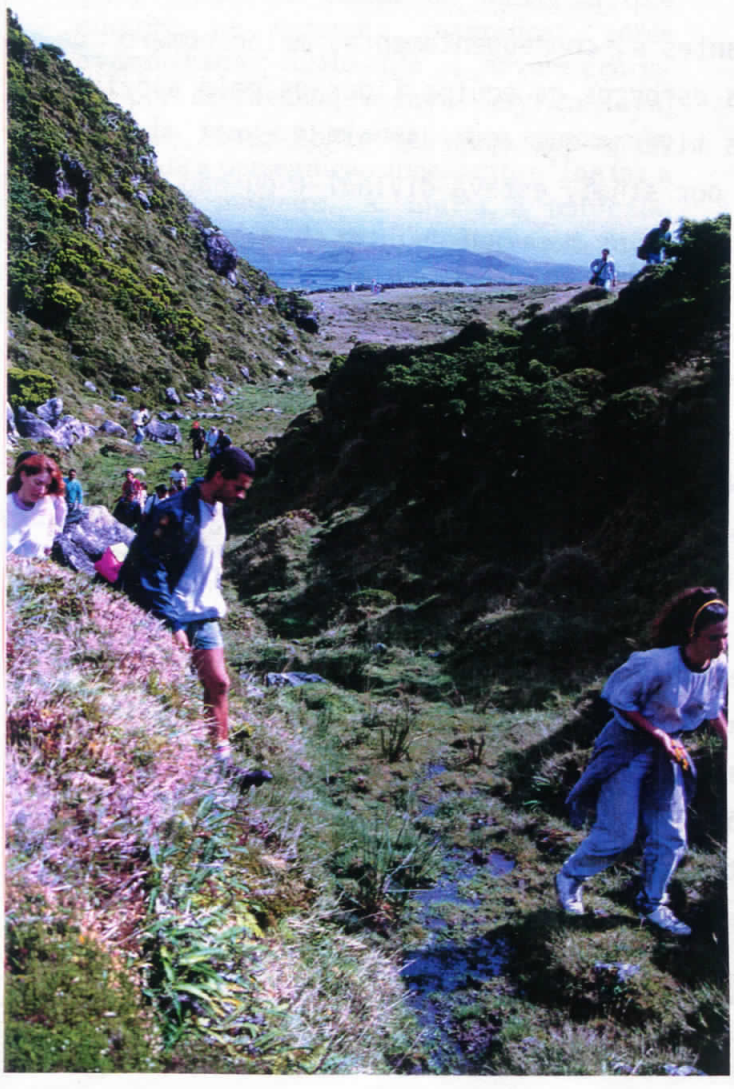
Passando-se entre o "Pico do Mau Olho" e o "Vale Fundo", chegou-se depois a um velho trilho, junto ao palheiro do"Caminho de João Coelho" (Caminho Velho), subindo-se até quase ao cume da Serra da Agualva (uma das partes mais altas da Terra Brava), de onde todos puderam admirar belas panorâmicas.

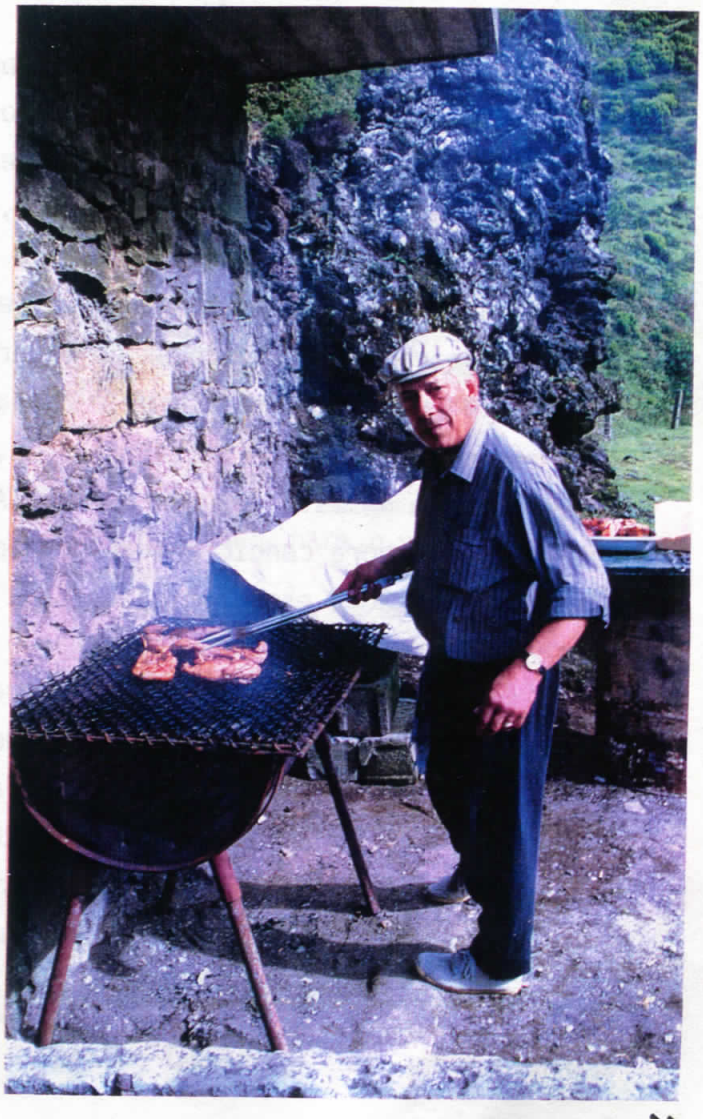
Por uma ladeira muito inclinada e de dificil progressão, talhada pelas "lagartas", desceu-se até à Caldeira da Agualva, apanhando-se a estrada (de terra batida) junto ao "Pico Rachado da Agualva". Por esta se caminhou até ao atalho que conduz às "Lagoinhas do Pico do Boi" : ladeou-se a Lagoa Pequena, e depois a Grande, fazendo-se aqui uma curta paragem.

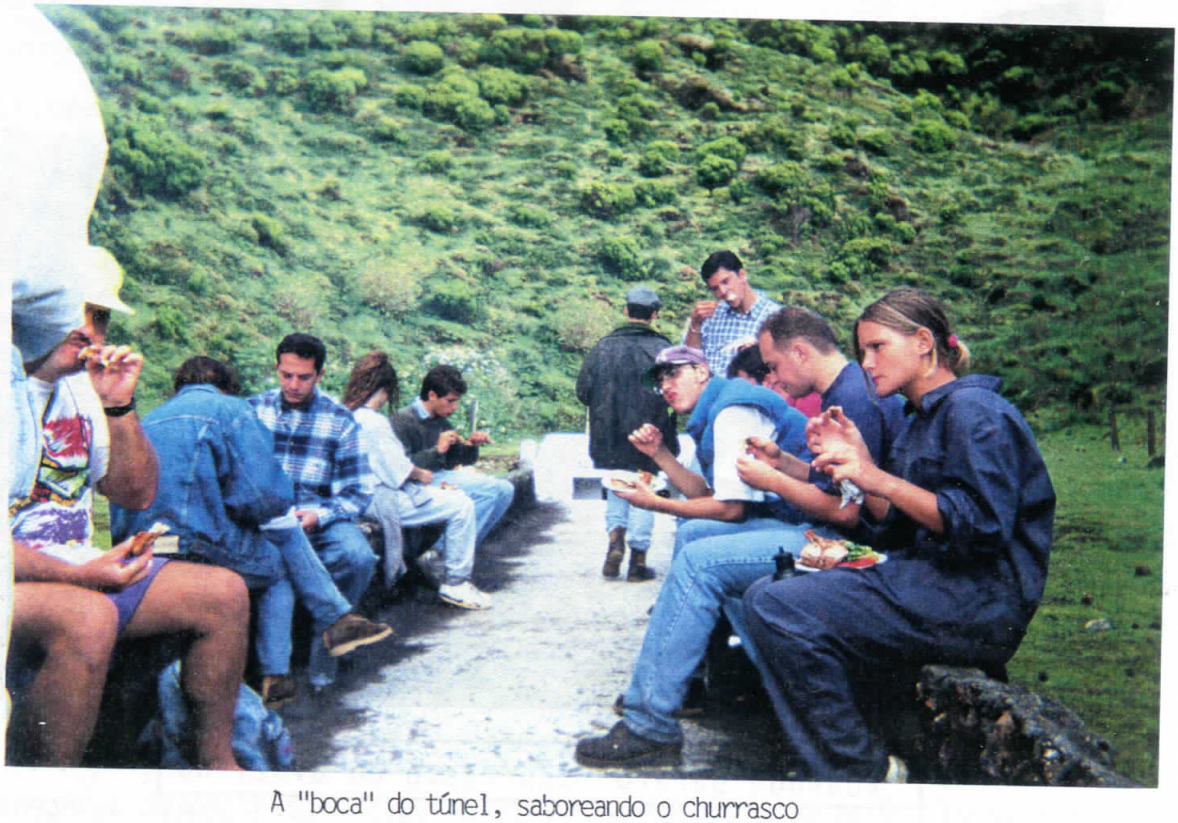
Eram 12H45 quando se deixou as Lagoinhas em direcção à Terra Brava, penetrando-se nesta por um atalho ("Vereda do Avião) que liga o pasto da Lagoa Grande às "Bagacinas". Foi um cheirinho da mais emaranhada e espectacular floresta da Terceira, onde até hoje o Homem não meteu as mãos, e ainda bem...! Tirou-se todo o proveito da bela paisagem que desta Vereda se divisa, tanto para a Caldeira da Agualva,como para a planície dos Cinco Picos, e ainda para o grande Caldeirão da ilha (Caldeira do Guilherme Moniz), baptizado pelo povo de "Caldeira da Espadana" e que é, na realidade magnífica, observada da cumeada da Terra Brava.

Ladeando a Terra Brava, desceu-se, então, para o Pico do Carvão (Pico da Algar), onde se chegou pelas 14H00, "a toque do cheiro do churrasco que subia pela encosta", após um percurso de, sensivelmente, 7 Km. De salientar a boa preparação que patenteia Conceição Fialho que já não é a última a concluir as caminhadas.

"Voando" para o "churrasco do avôzinho







A "boca" do túnel, saboreando o churrasco

Devido ao elevado número de participantes e, consequentemente, maior número de peças para grelhar, e apesar de todos os esforços da equipa liderada pelo avôzinho Jorge Silva, os "esfomeados" caminhantes tiveram que aguardar ainda cerca de 45m até começarem a saborear o petisco que, por sinal, estava divinal (ou não fosse o Jorge um especialista na matéria...!).

Enquanto esperaram pelo chirrasco, e porque fazia parte do programa, os participantes desceram os 335 degraus do Algar do Carvão, uma das mais raras e espectaculares jóis vulcânicas mundiais, o que até serviu para abrir mais o apetite.

E assim terminou, em festa e beleza, a "ROTA DO AÇOR-94".

Para o ano de 1995, contam "OS MONTANHEIROS" voltar a organizar este género de caminhadas, embora condicionadas no espaço, já que, por força de lei, não é concedida autorização a esta Sociedade para efectuar passeios nas áreas de "reserva integral", designadamente na Caldeira de Santa Bárbara e no Biscoito da Ferraria(com o seu selvagem "Morro Assombrado"), precisamente as zonas de maior interesse para os professores e alunos que habitualmente integram os passeios, bem como para o público em geral: para além da riqueza faunística e florística, são locais de rara beleza, constituindo verdadeiros "cartões de visita", que...ficarão na gaveta. Fazemos votos para que a preservação destas áreas seja realmente integral,e que não se permita que "lagartas" proliferem nesses terrenos, já que estas constituem um real perigo para a nossa floresta.

Até para o ano!

JOSE MARIA

"VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES", Mr.F.Fouqué,1873

III

Esta região completamente inculta é desprovida de grandes arvores; mas coberta d'uma verdadeira matta de arbustos. Plantas do matto de 2 e 3 metros d'alto elevam aqui seus troncos nús coroados de flôres côr de rosa; os ramos delgados, mas robustos, das myrsineas formam moutas espessas de um verde carregado; o louro dos Açôres (persea azorica) destaca no meio d'esta verdura copada e densa da folhagem que adquire no outomno magnificas côres avermelhadas; finalmente a arvore açôriana por excellencia, a faya (myrica faya) abunda tambem n'estes sitios ermos, não obstante a perseguição incessante q' lhe faz a fouce do matteiro. A murta, a polygala, certas especies de tomilho, flôrescem junto aos arbustos. Os fetos folgam tambem n'este terreno, envolvido quasi sempre em nevoeiros protectores; uns como o *trichomanes speciosum*, escondem sua delicada e transparente vegetação entre as sombras das nascentes d'agua; muitas alcatifam com suas folhas graciosamente recortadas as anfractuosidades dos rochedos, outros desdobram suas plumas na borda das ravinas. Um dos mais formosos, o *Woodwardia radicans*, tem folhas que attingem tres metros de comprimento, e que junto á sua extremidade apresentam um botão capaz de fornecer novas raizes e novos rebentos aerios. Finalmente, farta relva de gramineas e cyperaceas estendem-se por toda a parte, aonde os *sphagnums* não têem podido conquistar o terreno e abafado as plantas phanérogamas sob sua felpa esponjosa.

O coelho e o furão são os unicos mamiferos que vivem em estado completamente selvagem n'estas solidões; são elles tambem d'introducção europea; mas ahi pastam grandes gados de cabras, e deixam andar em liberdade pequenos touros de pêllo preto, olho vivo, aspecto feroz, cujo encontro na extremidade d'um despenhadeiro deve ser pouco agradavel. Estes animaes são destinados a figurar nas festas populares, tão estimadas dos povos da peninsula iberica. Pela sua braveza tornam-se proprios para este fim. Nos Açôres, estes espectaculos teem sido conservados, e teem ainda o dom d'interessar a população, se bem que não teem comparação com as scenas sanguinolentas de que são excessivamente apaixonados os hespanhoes.

Nas povoações da ilha Terceira, aonde estes divertimentos são frequentes, o touro é solto na praça, preso a uma corda comprida, sustida por cinco ou seis pessoas mascaradas e em costumes a capricho; os touros tem as pontas emboladas. N'estas condições podem apenas lançar alguem por terra e rolal-o no pó. Em quanto ao touro, é fortemente espancado, e quando se dão por satisfeitos com elle, é arrastado para fóra do circo e reenviado para o pasto sem outro accidente.

Os bois da mesma raça, submettidos ao jugo, são muito doceis. Atrellam-se a carros que na forma fazem lembrar os da antiguidade. As rodas d'estes pesados vehiculos tem cerca d'um metro de diametro; compõe-se de peças de madeira inteiras, e guarnecidas na circunferencia por grossas cabeças de pregos conicos. O eixo e o cubo são de madeira. A cada volta da roda os cubos, que de proposito deixão de levar cêbo, teem um rangido o mais dissonante possivel, a gente do paiz quer que os bois se recusarião a puxar, se não ouvissem esta musica singular. Quando o carro está descarrega-

do, o carreiro anda dentro, conservando-se de pé na attitude d'um romano triumphador. A aguilhada em que se apoia é uma valente vara guarnecida nas extremidades por um cabo de chifre preto ponteado de ferro com embutidos de cobre ou prata. Um outro instrumento com que os camponezes dos Açores se fazem quasi sempre acompanhar é a fouce roçadoura, comprido bordão solido, cuja extremidade é armada de podoa e gancho. A aguilhada e a fouce teem sido por diversas vezes armas perigosas nas mãos da gente do campo, razão por que os governos antigamente entenderam dever, sob severas penas prescrever o seu comprimento e formato; mas hoje a indole dos Açorianos é demasiadamente boa para tornar precisas estas precauções. O unico facto reprehensivel que se pode hoje imputar aos habitantes da Terceira é a sua obstinada resistencia á divisão dos baldios, e sobretudo pela nocturna destruição dos tapumes levantados pelos compradores d'aquelles terrenos.

Quando se transpõe a cumieira occidental do Caldeirão, vê-se uma vasta campina limitada ao oeste pela cumieira de Santa Barbara. Pastagens que algum desvelo e intelligencia bastariam para transformar em excellentes campos de semeadura constituem a maior parte deste espaço. Antigos volcões ahi elevam seus picos em grupos ricamente alcatifados de verdura. A humidade tem de tal modo decomposto a camada superficial do cascalho de que se compõe que os pés dos animaes enterram-se nella como se fora lodo. A construcção escoriacea d'estes montes só se percebe nos cortes feitos para a directriz da estrada real que atravessa a ilha. O principal destes picos, um dos mais curiosos, é talhado a 60 metros de profundidade. Compõe-se inteiramente de pedras miudinhas vitreas, pardas ou escuras, tendo pouco mais ou menos o tamanho d'uma avelã, empregadas com vantagem sob o nome de bagacina no encasque dos caminhos.

Ao lado destes vestigios volcanicos cuja superficie é modificada por agentes atmospherícos, elevam-se tres picos agudos que tem conservado sua cor carregada e que a vegetação jámais reveste. São os laboratorios da derradeira grande erupção na Terceira. Formaram-se em 1761. A lava sahida da falda destes picos correu lentamente para o norte, dividida em muitos ramaes, dous dos quaes chegaram á beira-mar, onde formaram um promontorio. Uma povoação edificada na costa achava-se na direcção das correntes; campos, jardins, casas, foi tudo sepultado. Logo depois a aldeia foi reconstruida, construio-se mesmo sobre o promontorio, mas as lavas de 1761 conservam-se intactas até hoje e nem se pode sonhar em fertilizar o espaço que ellas occupam. Muito apenas se tira partido do solo plantando figueiras, cujas raizes vão procurar entre a pedra os elementos necessarios á sua sustentação. As tres crateres desta erupção estão completamente extinctas. E' a alguma distancia sul que é preciso ir para encontrar vestigios da actividade volcanica. Perto da encosta do caldeirão, n'uma leve depressão do solo que de longe não é perceptivel, existe um espaço de alguns metros quadrados d'onde escapam alguns gazes e vapores d'agua com uma temperatura de cerca de 90 graus. O acido carbonico sae em abundancia das fendas do terreno, e o hydrogenio sulphureo, pondo-se em contacto com a atmosphera, forma depositos cristallinos de enxofre que deram áquelle local o nome de Furnas d'enxofre. Os rochedos na visinhança tem conservado a cor e aspecto que os caracterisam geralmente; mas, quando os tocamos, percebemos que são brandos, e que o dedo penetra facilmente n'aquelles mesmo que parecem menos modificados. Esta alteração profunda é devida á acção exercida pelo acido sulphurico que engendra o hydrogeneo sulfurado das emanações oxidando-se ao contacto da atmosphera.

A subida para o monte de Santa Barbara é bastante aspera do lado do plató. Um atalho alcantilado e desigual serpentea por entre tojos até ao alto, e desemboca sobre uma plataforma inculta, juncada de fragmentos de obsidiana e pedra pomes. Na parte meridional do cume ha uma profunda excavação formada pela reunião de duas crateras unidas. Uma destas cavidades encerra um pequeno lago cercado d'um muro de prismas trachyticas; a parte central da outra é occupada por um montão de blocos de lava amontoados em espantosa desordem. O ponto culminante do monte tem uma altura de cerca de 1,000 metros. Deste logar, desfructa-se uma vista extensissima; vê-se toda a ilha Terceira, San Jorge, a sumidade do Pico, Graciosa, e, quando a atmosphera está bem limpa, descobre-se San Miguel. A parte mais elevada do massiço é inteiramente formada de lavas ricas em silica; cada uma das correntes alastradas na baze appresentam tãobem essencialmente o mes-

mo cunho, e tornam-se notaveis por sua alvura e abundancia de christaes vitreos de (feldspath) granito que encerram, mas a maior parte das lavas sahidas em alturas pouco elevadas apresentam os caracteristicos das lavas balsaticas, são densas e negras, e na escavação das torrentes a que servem de leito, abundam grandes cristaes negros de pyroxene ou globulos esverdeados da esmeralda bastarda. Parece que a materia em fusão por meio da qual estes corpos são produzidos soffreu uma separação espontanea semelhante á separação da liga nos metaes fundidos. Os elementos menos compactos vem á superficie, os mais pesados mostram uma tendencia inversa. E' d'ahi que provem sem duvida a variedade de lavas filhas do mesmo volcão em epochas pouco distantes, conforme o ponto da sua partida.

Encontram-se em verdade alguns casos que parecem estar em contradicção com esta singela explicação e que muitos geologos regeitam, mas a contradicção, as mais das vezes, não é mais que apparente, e pela minha parte, não conheço nos Açores um unico caso em que esta theoria seja desmentida pelos factos.

Os detalhes geologicos em que entrei relativamente á Terceira não me dispensam n'uma narração proxima, d'abranger a descripção do terreno das outras ilhas do archipelago açoriano. Em quanto ás considerações d'um outro genero a que me tenho deixado levar, não as posso concluir sem insistir na riqueza que os habitantes da Terceira poderão auferir na parte central da ilha, logo que a cultivem, e sobretudo logo que o espirito do progresso tenha penetrado nos costumes desta população honrada e laboriosa.

II PARTE

GRACIOZA, PICO E FAYAL

1.º

Ilha Gracioza

Partindo da Terceira, o vapor da carreira com destino ao Fayal aporta á Graciosa e San Jorge; mas apenas se demora, em cada uma destas ilhas, duas horas pouco mais ou menos. Na Gracioza, estaciona na bahia no fundo da qual se vê a pequena Villa da Praia. Assim que chega, pequenos barcos estabelecem um movimento continuo e activo entre o navio e a terra; a praia enche-se de interessados ou curiosos, o escaler da alfandega trasborda de passageiros; mal se levanta ferro e que se dá o signal da partida, as ruas da Praia retomam o seu socego habitual e alguns caminhantes, a grandes intervallos muito apenas, costeiam as ruas. A ilha conta quando muito 7 milhas de comprido por 4 de largo. A distancia que a separa da Terceira é de 30 milhas; dista mais do Fayal e mais ainda de San Miguel. Esta posição longe dos principaes centros do commercio e da administração dos Açores, junto á sua pequena area explica a pouca vida que reina geralmente na Gracioza. O solo é fertil mas muito accidentado para admittir uma cultura em escalla importante. Cada varzea, cada bocadinho trabalhado, rodeado de rochedos pittorescos, no meio dos quaes verdejam ainda os restos da vegetação primitiva, assemelha-se a um fragmento de jardim inglez. Com tudo em nenhuma das outras ilhas são os mattos mais systematicamente arroteados; as habitações mais *confortaveis* estão dentro de cercas desguarnecidas e rodeadas de muros como os pateos d'um carcere. Vê-se que se esforçaram por endireitar o terreno e destruir tudo que lhe era ornamenal.

O vandalitsmo do homem não parou se não perante as difficuldades invenciveis que a natureza lhe opponha. O commercio na Gracioza é quasi nullo: a unica industria é o fabrico de tijolo para o qual empregam uma argilla vermelha proveniente da decomposição de escorias volcanicas.

Desde que a ilha é conhecida, phenomeno algum extraordinario tem apparecido que lhe causasse damno em parte alguma: nenhuma erupção de lava derretida, nem jactos de cinzas a tem vindo assolar; nenhum tremor de terra mesmo se tem feito sentir para produzir desastres notaveis. Uma nascente d'agua quente que brota na baze da alta rocha da restinga, na costa do sudoeste, é o que unicamente attesta a actividade constante do foco de calor a que a ilha toda deve a sua origem. Um caminho desigual liga este sitio á Praia seguindo as sinuosidades da costa, ora crusando ravinas que as aguas profundam d'anno em anno, ora galgando taludes de lava ou montes de pedra pomes. Na ponta da restinga, começa-se a descer a ingreme encosta talhada no massiço de pedra pomes e obsidiana. Tropeçamos em pedaços de pedra escura refulgentes que retinem como fragmentos de louça, e cujas cavidades são trespassadas de

filamentos vitreos. Nas immediações da nascente, improvisou-se um logarejo composto de miseraveis casas alinhadas á borda do caminho. Os banhistas alojam-se alguns dias nestes abrigos accommodando-se o melhor possivel. Com estofos de linho ou algodão forram o tecto e fazem repartimentos e tapeçarias. A rua serve de sala de conversação e as refeições, em grande parte, teem logar em commum. A alegria que reina na reunião contribue talvez tanto quanto as proprias aguas para a cura das molestias. Esta agua porem deve possuir propriedades therapeuticas activas, por isso que, pura, é sulfurica e altamente alcalina, e, misturada como é as mais das vezes com agua salgada, que invade subterraneamente a nascente nas horas da maré cheia, junta as virtudes da agua do mar ás suas proprias. A temperatura desta agua passa ás vezes de 50 gráos, e não desce nunca de 30 no momento mesmo em que se mistura com a maior porção d'agua estranha.

Se bem que a ilha Gracioza seja de pequenas dimensões, e que nenhuma manifestação volcanica de consideração tenha tido logar nella ha muitos seculos, comtudo o exame da vasta caldeira que occupa uma porção de terreno demonstra a intensidade dos phenomenos de que outrora fora theatro.

A sumidade da caldeira está a uma altura de 411 metros. Um caminho bordado de quintas cultivadas e assombreado aqui e ali pelos ramos valentes d'enormes figueiras lá nos conduz da Villa da Praia.

A encosta que se tornea é muito suave. Do alto, descobre-se toda a extensão da grande bacia. A depressão está a 300 metros abaixo da cumiera; o recinto tem a forma d'uma grande ellipse cerca de 1:200 metros de diametro no sentido do grande eixo, e de 600 no do pequeno.

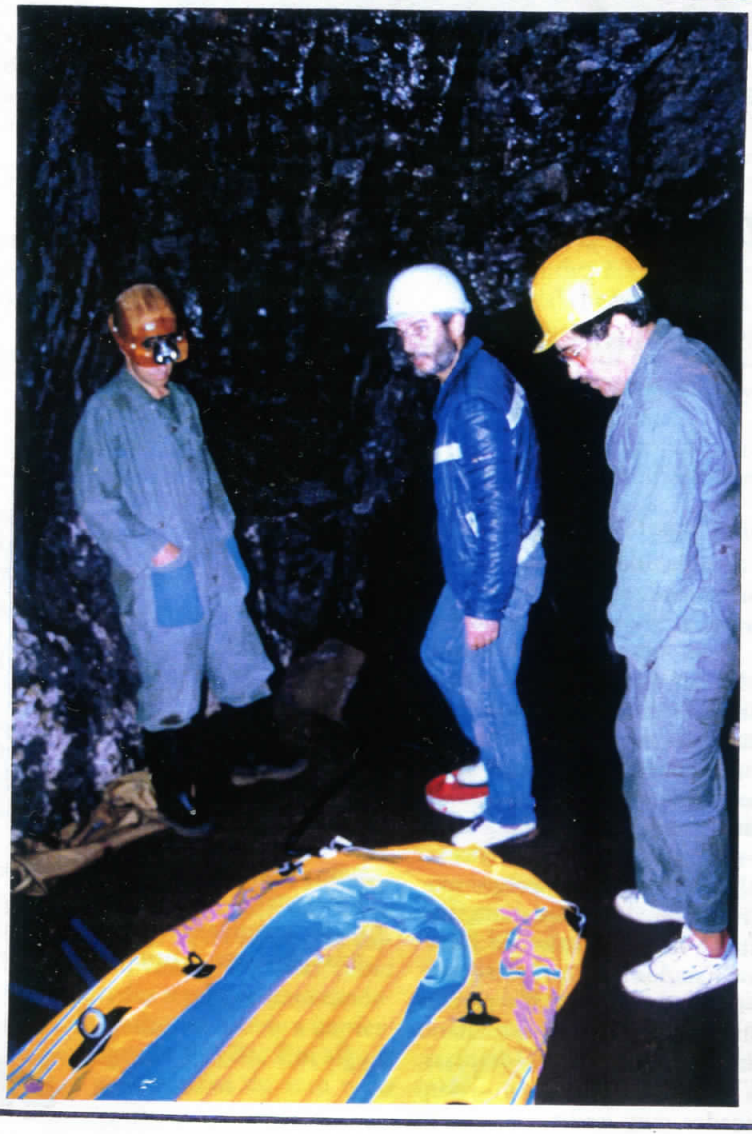
Eminencias formadas de escorias e de grandes rochedos de lava cortam-n'a em duas. Do lado do norte espraia-se um pequeno lago aonde as lavadeiras da Praia fazem todo o dia ouvir o ruido do bater da roupa; as immediações da toalha d'agua estão cobertas de peças de linho que seccam ao sol. As paredes da caldeira offerecem um caracter selvagem totalmente particular; muito ingreme, de todos os lados sobresae a rocha, de côr cinzenta, dividida em prismas verticaes ou distruiba em fiadas horisontaes. O fundo e as escarpas inferiores são revestidas de magra relva na qual pastam carneiros e cabras; muito apenas raros fetos introduzem-se nas fendas das rochas, e com a sua verdura dão alguma variedade a esta monotona paisagem. Nenhum outro logar dos Açores offerece um espectaculo semelhante d'aridez.

Na espessura das camadas de lava de que se compõe o espinhaço para o nordeste, existe um *tunnel* de largura não inferior a 4 ou 5 metros e de 5 a 6 d'alto; estalactites pedregosos guarnecem-lhe as paredes. A pequena distancia da entrada, reduz-se á metade a sua altura e largura, depois alarga de novo e segue, contornando a face interior da caldeira, até chegar ao ponto aonde termina em cunha, n'uma distancia de 60 metros pouco mais ou menos de extensão.

Depois de haver passado junto ás duas proeminencias que occupam o centro da caldeira chega-se logo a meio caminho sul deste immenso circo, e descobre-se um sulco extenso que atravessa o fundo na direcção do norte ao sudoeste, isto é, no sentido do pequeno eixo. Este sulco corresponde a uma fenda comprida semelhante á primeira vista, a todas as que se manifestam no começo das erupções volcanicas, e que não se demoram em se encher pela affluencia do fluido incandescente a que deram saida. As lavas tem encontrado neste caso um escoante d'um outro lado, provavelmente para fora da caldeira; a fenda não tem deixado escapar mais do que materias volateis, e permaneceu aberta. Em nos aproximando da porção menor, destingue-se um boqueirão cuja entrada é dividida em duas partes desiguaes por um enorme penedo. E' o resfolgadouro d'uma vasta gruta conhecida no paiz pelo nome de Forno. Rochas denegridas talhadas a pique, veladas em parte por um tecido de hepaticas e de musgos encobrem a entrada por onde se penetra nesta furna subterranea. Perto da reborda superior ha estacas crivadas no chão, a que se prende uma corda cuja extremidade inferior chega ao fundo da gruta. Para descer seguramo-nos á corda e apoiando os pés contra as paredes da rocha ficamos com o corpo em posição horisontal passando por baixo dos braços outra mais delgada que os guias de cima vão largando pouco a pouco. Este exercicio nada tem d'animador; o buraco negro por onde vamos desapparecer inspira no entroito certo receio; esta desagradavel impressão augmenta quando se chega perto do fim, e que enxergamos n'uma

meia obscuridade os pontos agudos dos rochedos que nos esperam em baixo. O sitio onde tomamos pé tem 22 metros de profundidade. Achamo-nos n'uma furna espaçosa por cima da qual ha uma abobada arredondada ligeiramente abatida. O solo é fortemente inclinado para o lado opposto da abertura, e no fundo da furna ha um pequeno charco d'agua doce que dorme eternamente tranquilla, sem que jámais um leve sopro de vento lhe venha enrugar a superficie. O nivel d'agua está aproximadamente 60 metros abaixo do solo da caldeira e 80 do pequeno lago que serve de lavadouro ás mulheres da Praia. O diametro da gruta é de 120 a 130 metros e d'altura cerca de 30. Perto da ponte aonde acaba a descida, o terreno é fendido e quente; baforadas intermittentes em quantidades variaveis d'acidos carbonicos e hydrogeneo sulfurico escapam por estas fendas. Pude sem perigo correr as bordas do lago subterraneo em quanto que ha occasiões em que é impossivel aproximarmo-nos delle em rasão da camada de gaz mephytico que ahi se accumula. As pombas bravas escolheram este logar para se acolherem. Um dos guias tendo arrancado um grito para se ouvir o effeito dos echos da abobada, estas aves espantadas levantaram o vôo em tão grande quantidade saindo pelo orificio da gruta que estivemos um instante em completa obscuridade. Todavia não tardou que não voltassem umas atras das outras e não mais se molestaram com a nossa presença. Muitos viajantes, antes de mim, desceram sem inconveniente á gruta da Gracioza. Eu fui menos feliz; na ascenção magoei-me n'um lado contra as paredes do rochedo.

(CONTINUA NO PROXIMO NUMERO)

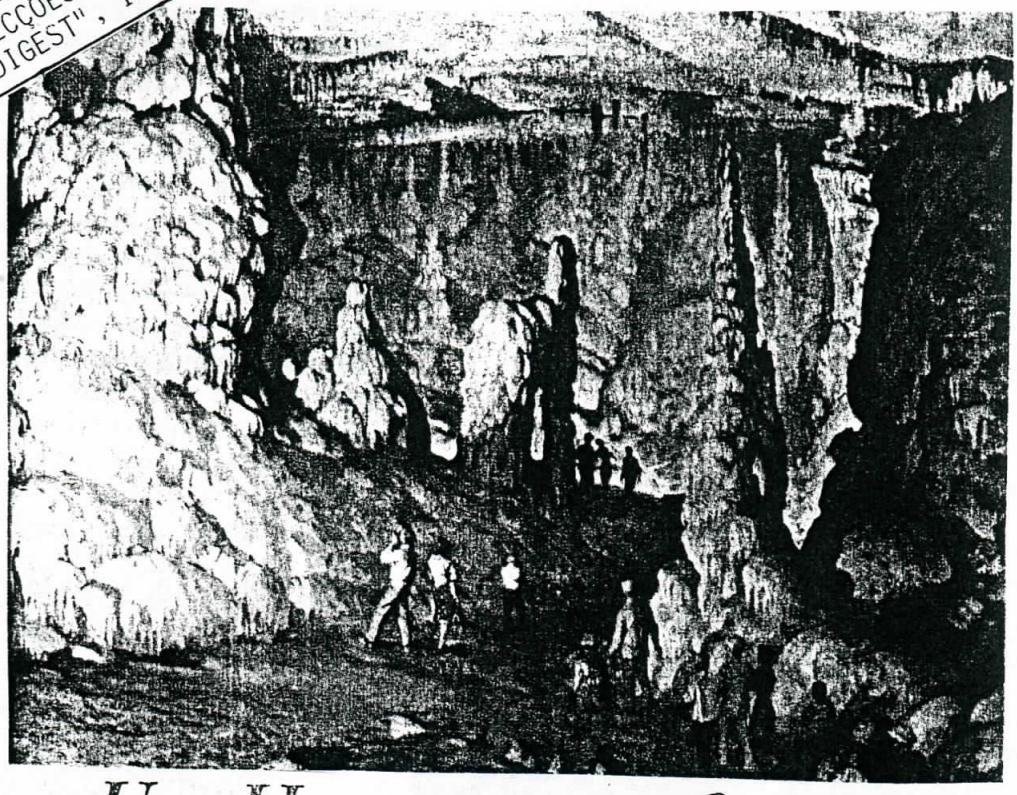


POISOSPEL
1 9 9 4
S. Jorge

Como foi noticiado no número anterior deste Boletim, "OS MONTANHEIROS" levaram a efeito a missão espeleológica a S.Jorge, e subordinada ao título acima, nos inícios do presente mês de Outubro (5 a 11), e à qual pertence a foto ao lado.

O próximo número de "PINGO DE LAVA" incluirá desenvolvida reportagem sobre a "POISOSPEL-94", mais uma das habituais missões desta Sociedade para inventariação vulcanoespeleológica destas nossas ilhas.

(IN "SELECÇÕES DO READER'S DIGEST", 1963)



Um Homem, uma Caverna e um Sonho

Condensado de "The Times" de Huntsville

"Chega o dia de uma pessoa fazer alguma coisa diferente no mundo... e a pessoa tem de fazê-la"

Allen Rankin

DURANTE milhões de anos as grutas existentes no interior da grande caverna aberta no coração de um morro de Alabama permaneceram na mais completa escuridão, fora do alcance do olhar humano. É provável que os homens da Idade da Pedra se tenham abrigado na sua bôca escancarada, como fizeram mais tarde os índios. Mas, se os povos primitivos se arriscaram a penetrar grandes distâncias caverna adentro, não deixaram vestígios de sua passagem.

Mais recentemente, alguns temerários montanheses locais penetraram 600 metros para dentro da sinistra garganta da caverna. Intimidados, porém, pelas alturas escorregadias, pelos abismos ameaçadores e pela escuridão à sua volta, não foram além disso.

E então, em 1952, numa bonita manhã de julho, dois exploradores de cavernas amadores chegaram de Huntsville, a 55 quilômetros de distância, para fazer uma tentativa. Um dêles, um jovem jornalista chamado Don Fulton, procurava uma excursão de fim-de-semana. O outro, Jay Gurley, um rapaz de 29 anos, de cabelos escuros e olhos castanhos pensativos, procurava alguma coisa mais—seu lugar e sua função na vida.

Gurley tinha um emprêgo modesto no Arsenal de Redstone, um laboratório de teleguiados do Exército dos Estados Unidos. Não gostava de seu trabalho, que lhe parecia sem futuro. E o pior é que o salário não dava para cobrir as despesas. Êle, a mulher e três filhos viviam amontoados num *trailer*.

Para fugir aos seus problemas imediatos, Gurley começara, nos fins-de-semana, a explorar algumas das centenas de cavernas existentes nas encostas dos Montes Apalaches. O resultado inevitável: contraiu a febre de explorar cavernas—a paixão de perscrutar secretas profundidades onde nunca ninguém estivera antes.

Naquela manhã de sábado, êle e Fulton chegaram à desolada Montanha Gunter, a 18 quilômetros de uma estrada de rodagem e depois de andarem quilômetro e meio do lugar onde terminava o caminho rural mais próximo. A princípio não viram

a entrada da caverna, tapada por uma cortina de árvores. Depois, como sentissem uma corrente de ar, seguiram o ar fresco através da mata . . . e penetraram na maior bôca de caverna que já tinham visto. Formando um arco de 12 metros de altura e 39 metros de largura, parecia bastante grande para engolir a maior estação de estrada de ferro do mundo.

A 150 metros da entrada, quando o túnel começou a ficar escuro e êles acenderam os lampiões de querosene, começaram a ver por que outros teriam desanimado. O chão estava coalhado de rochas do tamanho de casas, que subiam e desciam irregularmente—a alturas que quase tocavam o teto, ou abismos cuja profundidade poderia conter um edifício de 12 andares.

Encontraram um túnel cortado por um curso de água, que êles seguiram até a um lugar bloqueado por um rochedo. Subindo pela borda do rochedo, chegaram a uma platibanda de 12 metros, pouco mais larga do que os seus corpos e com um declive na direção do abismo. Arrastando-se de barriga, centímetro após centímetro, sentiram mais do que viram que entravam numa segunda caverna—tão vasta que a luz dos lampiões não alcançava nem o teto nem os lados.

Em seis horas percorreram 600 metros. Então, ao pé de uma enorme "cascata gelada" de cintilante pedra rosada, encontraram rabiscados nas pedras os nomes de outros exploradores, com datas.

—Vamos ver se não podemos continuar—disse Gurley.

Avançando mais profundamente, depararam com uma fantástica coleção de tesouros de caverna: brilhando como jóias de um vermelho dourado, à luz dos lampiões, havia florestas de estalagmites, modeladas em formas caprichosas. Esculturados por eternidades de água pingando, havia barbados gigantes de pedra, de pé, com os braços eternamente voltados para cima. Havia templos altaneiros, abrigando anjos e demônios de pedra à sua sombra; encantadoras clareiras de pedra, povoadas de fadas e duendes de pedra, surpreendidos pela luz; rendas delicadas e minúsculas flôres em pedras.

Viram que estavam numa sala aparentemente interminável. Ao longo de suas paredes havia formações calcárias de um vermelho-escuro, como tapeçarias; dos tetos pendiam candelabros de estalactite, dando a impressão de pingentes de gêlo. Em alguns lugares, as formações do teto e do chão se uniam formando colunas altíssimas. A grandeza dêsse salão sobrenatural, iluminado por uma luz mortiça, sugeriu a Gurley um nome que se formulou por si mesmo—a "Catedral".

Enquanto êle e Fulton passavam de maravilha a maravilha, Gurley notou que faltava alguma coisa: não havia mais nomes de exploradores!

—Sabe de uma coisa?—disse êle, procurando manter a voz natural. —Acho que somos os primeiros a chegar até aqui.

Seu coração batia tão alto que êle tinha a impressão de que Fulton podia ouvi-lo.

Entendendo um pouco de Geologia, Gurley tentou imaginar o tempo que fôra preciso para criar tudo aquilo. Prestou atenção ao tique-taque da água que pingava. Eras intermináveis daqueles pingos, cada um dêles se evaporando, deixando o seu bocadinho de depósito natural, haviam esculpido (na proporção de uns 16 centímetros cúbicos por século) a estatuária colossal que existia ali.

Houve um momento, naquela sétima hora, em que Jay Gurley se transformou.

—Fulton—disse êle, com a voz entrecortada pelo entusiasmo—encontrar, ou simplesmente *ver* isto aqui, é provàvelmente a coisa mais importante que já fizemos ou faremos na vida. Alguém terá de construir caminhos para que outros possam ver o que estamos vendo.

Eram dez horas da noite quando êles afinal chegaram à saída da caverna e voltaram de automóvel para Huntsville. Ao entrar no *trailer* que lhe servia de casa, Gurley foi logo dizendo à mulher:

—Descobrimos hoje uma grande caverna. Acho que vou comprá-la.

—*Comprá-la!*

Helen Gurley fitou com espanto o marido enlameado.

—Comprar uma *caverna*? Um buraco no chão?—Deixou-se cair no sofá.—E que é que você pretende usar como dinheiro?

Durante dois meses Gurley lutou contra o seu louco impulso. Depois, dando como garantia tudo o que possuía—carro, carro-reboque, e até máquinas fotográficas—para levantar 400 dólares correspondentes à primeira prestação, comprou de um fazendeiro a caverna, pelo preço dos 65 hectares de terra pedregosa da superfície.

—Chega o dia de uma pessoa fazer alguma coisa diferente no mundo—disse Gurley à mulher.—O dedo aponta. Alguma coisa diz: "Você aí! *Você* faça isto!" E a pessoa tem de fazê-la. Você me acompanha?

Helen Gurley amava o marido com tôdas as suas loucuras.

—É claro que o acompanho—disse ela em voz baixa.—Se é realmente isso que você quer.

No momento, Gurley não tinha cinco dólares de seu. Mas conseguiu arranjar dinheiro para um machado, uma alavanca e uma marrêta de nove quilos. Tôdas as noites, depois do expediente, êle fazia os 110 quilômetros de ida e volta até à caverna. Pouco a pouco foi desbastando as árvores e o mato que havia em volta da entrada da caverna e quebrando as pedras e rochas que obstruíam o caminho para a caverna interior.

Um homem armado de uma marrêta não tem possibilidade de abrir a marretadas um caminho de 1.500 metros através de abismos e barreiras de pedra na escuridão. Nem de arrastar 600 toneladas de areia em baldes, de 30 em 30 quilos, tirando-a do leito de um rio de 20 metros de profundidade, para aplanar êsse caminho. Nem de puxar para dentro e serrar grandes troncos, a fim de construir escadas nos lugares mais íngremes. E ninguém sabia disso melhor do que Jay Gurley. Mas não havia outra coisa a fazer.

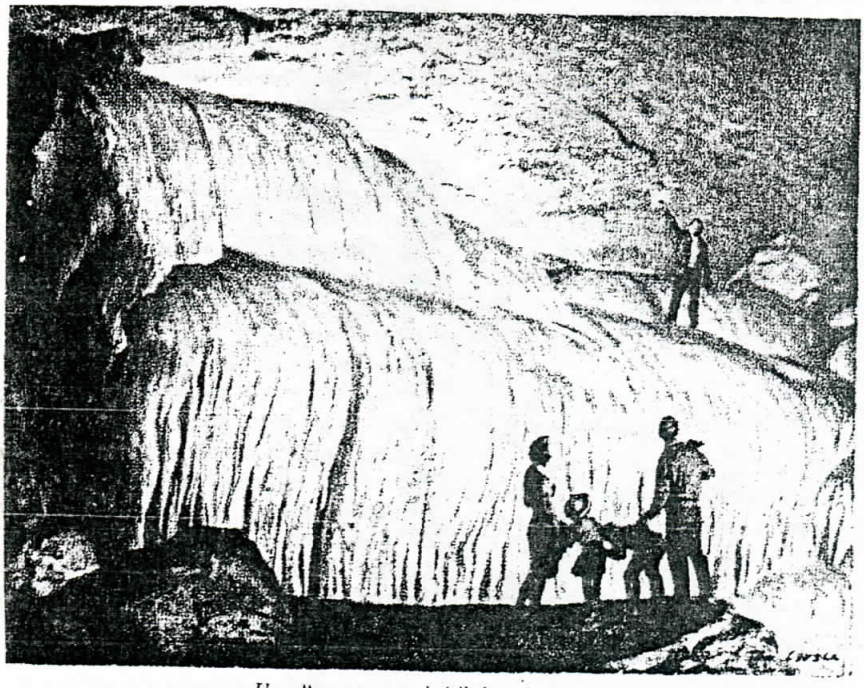
Helen ajudava. Os filhos de Gurley ajudavam. Gurley contratou quantos trabalhadores não especializados pôde, ou seja, alguns meninos adolescentes; apareceu um velho munido de machado e disse:

—Não gosto de ver um homem trabalhar sòzinho.

Mas o impacto real da luta recaiu sôbre Gurley. Nos primeiros dois anos êle sofreu um afundamento de tórax causado por um ressalto da marrêta, quebrou o tornozelo, teve uma hérnia provocada pelo esfôrço de remover uma pedra e contraiu pneumonia dupla por trabalhar na umidade. Mas continuou.

No fim do segundo ano as coisas melhoraram um pouco. William L. Grafton, engenheiro e diretor de Redstone, interessou-se pela idéia e formou uma pequena corporação com Gurley, comprometendo-se a assegurar-lhe a subsistência, para que êle pudesse continuar a luta. Gurley abandonou o emprêgo e mudou-se com o *trailer* e a família para a entrada da caverna, a fim de poder trabalhar nela durante todo o tempo. A administração do condado ofereceu-se para aplanar com *bulldozers* um caminho que ia do local da caverna até à estrada de ligação mais próxima. As coisas pareciam melhorar!

»



Uma "cascata congelada" de pedra rosada

Na primavera seguinte, porém, tudo pareceu novamente desesperador. Gurley já abrira mais ou menos os primeiros 300 metros da caverna.

Nessa altura, o rio que havia nas grutas interiores da caverna transbordou, engrossado pelas chuvas, inundando os túneis e ravinas e destruindo a maior parte do caminho aberto.

Na noite de 3 de maio, aniversário de Helen, Gurley estava desesperado e de mau humor. Trouxera da caverna um pedaço de travertino vermelho para Helen, destinado à lareira de uma casa que êles talvez nunca chegassem a ter.

—Gostaria de lhe dar alguma coisa melhor—disse êle, sem jeito.

—Você *pode* dar-me alguma coisa melhor agora mesmo—declarou Helen.—Pode mostrar-me o que significa tôda esta aventura. Pode levar-me à Catedral . . . esta noite.

Era um momento que Jay sempre temera.

—Mas você não tem prática de explorar cavernas!

—Aprendo hoje—insistiu Helen.

Entraram às dez horas. Jay atravessou a vau o riacho gelado que havia dentro do túnel. Pálida, mas sem uma queixa, Helen também o atravessou, e depois passou pela estreita platibanda de 12 metros que levava à caverna interior.

Passava bastante da meia-noite quando os dois chegaram à Catedral.

—É isto aqui—disse Jay.—Espere um pouco que eu vou iluminar de jeito que você veja melhor.

Pegando os dois lampiões, subiu a alta estalagmite, a que êle chamava "A Tôrre". Dessa altura, dirigiu as luzes de maneira a iluminar centenas de metros quadrados de formas e figuras fantasmagóricas, cintilantes como jóias.

—Que tal?—gritou êle.—Que é que você está achando?

Silêncio embaixo, a não ser o eco de sua própria voz. Jay desceu às pressas e aproximou-se da mulher.

—Eu perguntei que é que você acha?

Helen Gurley não podia falar. Estava chorando. Afinal, citando as próprias palavras de Jay, três anos antes, ela disse:

—Acho que "chega o dia de uma pessoa fazer alguma coisa diferente no mundo"! Acho maravilhoso que seja você quem vai tornar possível que todo o mundo entre aqui sem dificuldade e veja tudo isto!

O braço de Jay envolveu a mulher.

—Que *sejamos nós*—corrigiu êle.

Depois daquela noite, Jay Gurley ficou sabendo que nunca desistiria. Êle e Bill Grafton fizeram o traçado de um nôvo caminho—um "elevado" por entre os rochedos mais altos, com base no chão da caverna, acima dos túneis e ravinas ameaçados pelas inundações. O nôvo caminho exigia que fôsse aberto a dinamite um túnel através de 73 metros de rocha maciça que se interpunha entre as platibandas de que eram formadas a primeira e a segunda câmara. Gurley jamais poderia acabar êsse túnel sòzinho. Mas chegou John Vinson, um ex-mineiro e dinamitador experimentado, que ofereceu seus serviços. A caverna retumbava e estremecia com as explosões.

Dentro de cinco meses—na véspera do Natal de 1956—o túnel estava terminado. E na primavera de 1957, o nôvo caminho—permitindo excursões de turistas que pagavam entrada—estendia-se por 450 metros, no interior da caverna. Nesse ponto escancarava-se a ravina por onde corria o rio, interrompendo tanto o caminho como as excursões. Financeiramente não se podia cogitar de construir uma ponte.

—Deve haver outra forma de travessia—afirmava Jay.

Um dia êle a encontrou—uma platibanda recoberta de lama e juncada de pedras.

Gurley levou quase dois anos para escavar a lama e levantar com macacos hidráulicos manuais, pouquinho a pouquinho, pedras de 25 e 30 toneladas, até fazê-las cair embaixo, na ravina. Mas, quando terminou, em julho de 1959, a platibanda formava um caminho natural de pedra, bastante largo e plano para permitir a passagem de um jipe até ao fundo da Catedral. Ao longo e por cima corriam 65 quilômetros de fiação e 80.000 watts de luz. Ao cabo de sete anos de luta, Jay Gurley, sua família e seus amigos haviam realizado um dos feitos mais difíceis da aventurosa história da exploração de cavernas.

Hoje, cêrca de 24.000 turistas por ano vão olhar as maravilhas das cavernas da Catedral—principalmente o Golias, a mais imponente estalagmite do mundo, com 18 metros de altura e 60 metros de diâmetro.

Jay e Helen Gurley encontraram uma coisa em que acreditam. Talvez pudessem encontrá-la em inúmeros outros lugares. A sua caverna não tem nada de extraordinário entre a infinidade de maravilhas que há por baixo, em volta, ou por cima de nós, e que nos dão um vislumbre dos inesgotáveis mistérios do Universo.

Uma coisa Jay Gurley viu claramente: o objeto em si é menos importante do que o que traz ao batalhador a batalha para alcançá-lo. Na luta para abrir um caminho fácil até ao coração de uma montanha, os Gurley adquiriram bens que não podem ser avaliados objetivamente. Suas maiores descobertas não foram de modo algum feitas numa caverna, e sim em regiões menores e ainda mais notáveis, de espaço interior dentro dêles mesmos.

UMA HORA NA ESCALEIRA DO PAÚL

Eram seis do mez que vai correndo.
O astro brilhante do dia tendo completado o seu giro no nosso hemispherio, acabára de sepultar-se nas encapelladas ondas, deixando a terra envolta em profundas trevas.
Os ardentes calores do estio começavam já a substituir-se pelas rigorosas nortadas do inverno: o outono parecia não querer bafejar-nos com as suas brandas e melancolicas viracões.
A noite estava tempestuosa,e só a furto e de longe em longe nos amostrava a sua rainha por entre os denegridos cumulos, que corriam velozes na atmosféra açoutados pelo rijo Boreas.
Durante as horas claras,o tempo havia permittido a romaria ao Senhor Bom-Jesus: a concurrencia foi regular; mas abrilhantada todavia por algum ente sympathico; poe esse ente que tantas vezes confundira com o meu ideal.
A tarde daquelle dia costuma entreter-se em visitar os differentes charambos,que apresentam os povos daquella localidade, como demonstração de prazer e regozijo;porém eu não os gozei: alguma cousa de singular me chamava para Santa Cruz.
E com effeito; a hora das Ave marias foi-me fatal.
Um desses vendavaes,que frequentemente encontrará o infeliz,que com puros sentimentos, só nascidos do coração,se deixar entrar no piso dos difficeis campos do amor, preoccupava a minha imaginação.
Atormentado bastante,necessitava expandir, necessitava desabafar com um amigo: mas onde estava esse amigo ? Onde o encontraria eu capaz de escutar as queixas do meu coração,compenetrar-se dellas e consolar-me ?
Debalde procurei responder a esta pergunta; era soffrer duas vezes.
No meio da febre do desespero,lancei mão do meu unico refrigerio,que,em taes casos,me é sempre prompto como o melhor amigo: era um charuto - tomei-o e accendi-o, accreditando que,como o fumo que elle exhalasse,iriam também desapparecendo as idéas,que me eram tão tormentosas.
Percorri assim com o meu mudo companheiro algumas das ruas desta villa, via ir-se pouco a pouco consumir-se a minha unica distracção sem que comtudo diminuisse o meu soffrer.
A noite ia-se tornando mais e mais agreste; mas eu não lhe sentia os rigores.
Atravessava já o silencioso largo do Rocio (porque em Santa Cruz tambem o há) com o firme proposito de ir procurar,como unico recurso,mergulhar-me num profundo somno,e adormentar os dissabores,que me iam na alma; mas que ?! quando os sentidos cogitam, quando o espirito se acha preoccupado opõe sempre barreiras irresistiveis à desejada entrada de Morpheo; o seu maior gosto é velar; portanto faltava-me ainda este lenitivo, era forçoso soffrer mais.

Nesta tormentosa indecisão houve um requerimento da minha consciencia,que para socego do espirito devêra sentar-me numa das escaleiras do paúl,que ficavam à minha esquerda, para ahi me entrgar à contemplação das fealdades da noite,que ia correndo.
Não me foi difficil deferir-lhe,porque o echo do bronze repercutindo-se no espaço viera anunciar-me as dez horas; ainda era cedo: em qualquer outra parte seria a hora ordinaria para o começo das brilhantes reuniões,todavia em Santa Cruz reinava já um silencio sepulchral.
A escaleira do paúl é um dos sitios mais apraziveis nas mansas noites do estio: as viracões correm ali mais livremente, o que lhe atrahe alguns visitantes a refrigerarem-se dos rigores do sól. - No inverno é exactamente o contrario,é desabbrida e agreste.
Eram dez horas,e a lua ia chegando ao nosso zenith: passei a contemplá-la.
Como ia bella ainda assim atravez das densas negruras da atmosphera! Como que sustentando seus caprichos parecia querer tornar-se desejada, mas apparecia!.... apparecia e surria-me; pareceu-me envolver mysterios!
Baixei os olhos para a terra. Em frente ficava-me a cadeia.
Uma palida claridade,que vinha perder-se no espaço a pouca distancia das ferreas grades, que lhe davam passagem, denunciava que algum infeliz ainda velando repassava na mente as impressões,que o haviam ali arrastado: e com effeito a briza trouxe-me em sons mal distinctos estas lamentações do desgraçado:
"Fantaziando dias de ventura,só me occupavam o coração esperanças e amor! - Deixei-me levar pela fada dos meus sonhos, julguei que um anjo só poderia conduzir ao ceo;mas o amor trouxe-me à prizão!"
E que nem tudo no homem é racional;o coração tambem quer, e o seu imperio supplanta muitas vezes o da razão.
A lua extinguio-se: o silencio e as trevas inundaram o interior da prizão: o edificio no meio da escuridade pareceu-me um fantasma: toda a villa dormia profundo somno.
Dei então largas à imaginação;remontei às primeiras impressões que senti depois que cheguei à minha patria; vi o dia quatorze de Agosto.
Cantavam-se as vesperas da Senhora dAjuda.
Como era bello ver os anjos correndo a visitar a Virgem no cimo do seu monte! Que graça, que encantos,que seducção ao ve-los brincar com o vento querendo pairar-lhe nas mais fortes rajadas! Que enlevo, que sentir!
Mas as horas do prazer voam ligeiras, e a noite chegou.
O dia quinze! Como raiou bello e esperançoso! Ainda me parece ir seguingo aquella tão sympathica cavalgada da tarde,levado como por uma attracção magnetica.

Que extasis me detinha na vinha como esquecido em contemplar aquelle ente tão sympatico,cuja cabeça só ainda fluctuava acima dos travezes! Em que pelago de idealidades me absorvia quando o meu amigo poeta me veio despertar,recitando-me, além doutros,os versos seguintes:

"Ama,mancebo, que a vida
"Sem amor não é viver!
"Ama,que o amor adoça
"As agruras do soffrer!
.....

.....
"Ama além a cavalleira
"Juvial e prazenteira,
"Elegante e feiticeira...
"Ama,amigo, com furor!"

Feriram-me estas palavras: quis acreditar que amava!
E como se não amaria perante uma alma tão ingenua, que só respirava graça e amor?!
O mon ange! si tu savais!...si tu savais! Mas que ?!... elle tudo ignora, e forçoso me é occultar nos horrores do silencio os sentimentos que me iam no coração!
Começava já a sentir commoções dolorosas; corri a mão pela fronte como para que desanuviar a imaginação daquelles pensamentos, que tanto me penalizavam, e tornei a prepassar a vista pela adormecida villa.
É difícil fugir às idéas tormentorias,que que uma vez nos preoccuparam o espirito!
Neste breve relancear de olhos um outro objecto veio ferir-me de novo no ponto já quasi cicatrisado.
Na villa ainda não era tudo trevas: -além, atravez dos vidros apercebi um desmaiado reflexo: era seguramente uma luz semimorta,que velava o socegado somno daquelle ser angelico,que tão repetidas vezes se me desenhava na imaginação. Que encantos não será o seu dormir! Quem podesse escutar de ti ao lado as pulsações do teu generoso coração!Quem podesse traduzir-te na expressão os sentimentos,que abrigas em teu niveo peito!Quem podesse chegar de mansinho ao teu leito virginal, trazer-te a delicada mãozinha sobre o coração e perguntar-te - amas-me! - para depois,por uma influencia electrica,porque os corações possuem-na,ouvir a tua resposta mesmo em sonhos!...
Um subito resfriamente na face veio suspender-me nas minhas meditações: eram os vapores que começavam de condensar-se na atmosfera,obedecendo à sua gravidade cahiam já sobre a terra em grossos bagos: o bronze gemera mais uma vez; eram onze horas; devia retirar-me.
E assim fiz, deixando todavia nas azas do vento um suspiro de supplica para o despertar da virgem.

Graciosa,10 de setembro de 1868

ANDRÉ D.M. dos SANTOS

(in "O ANGRENSE",nº 1469)

Adeus,linda - adeus,formosa!
adeus gracioso jardim!
de ti me parto saudosa,
pois já te amo - oh! sim!...

A "Terceira" eu vou voltar,
- minha pátria estremecida
mas posso bem afirmar
que jamais serás esquecida.

Quantas delícias gozei
vendo teus campos risonhos!...
agora!...só te verei
talvez à noute em meus sonhos.

Oh! terra irmã da minha
- bem iguaes na gentileza -
cada qual de vós rainha,
impera por sua beleza!

Este mar que te circunda
circunda tambem minha terra,
a mesma graça jucunda
que ela tem,em ti se encerra.

Por isso, oh! "Graciosa"!
vou deixar-te com pesar;
mas prometo, oh! formosa!
nunca mais te olvidar;

Nem aos filhos, que são teus,
- tão gentis e hospitaleiros -
que prendem afectos meus
a seus afectos fagueiros.

Vou sentir n'esta saudade,
que em minh'alma guardarei;
e nas aras da amizade
seu fogo alimentarei.

Por tardes serenas - estivas -
quando ao longe te avistar,
as minhas saudades vivas
nas auras te hei de mandar...

VILA DE SANTA CRUZ,15/iX/1903 MARIA GUILHERMINA DE MESQUITA

RECORTES DO ALBUM

"DIÁRIO INSULAR"
13/AGOSTO/1970

O FOSSIL DE UMA AVE MARINHA FOI RECOLHIDO NO ALGAR DO CARVÃO TENDO «OS MONTANHEIROS» FEITO OUTRAS DESCOBERTAS

Atendendo ao pedido formulado pela organização do IV JAMBOREE Açoriano, para visitar o Algar do Carvão — visita marcada para hoje — procedeu-se a trabalhos de reconstrução da escadaria de acesso ao interior e ao restauro dos estragos ali causados.

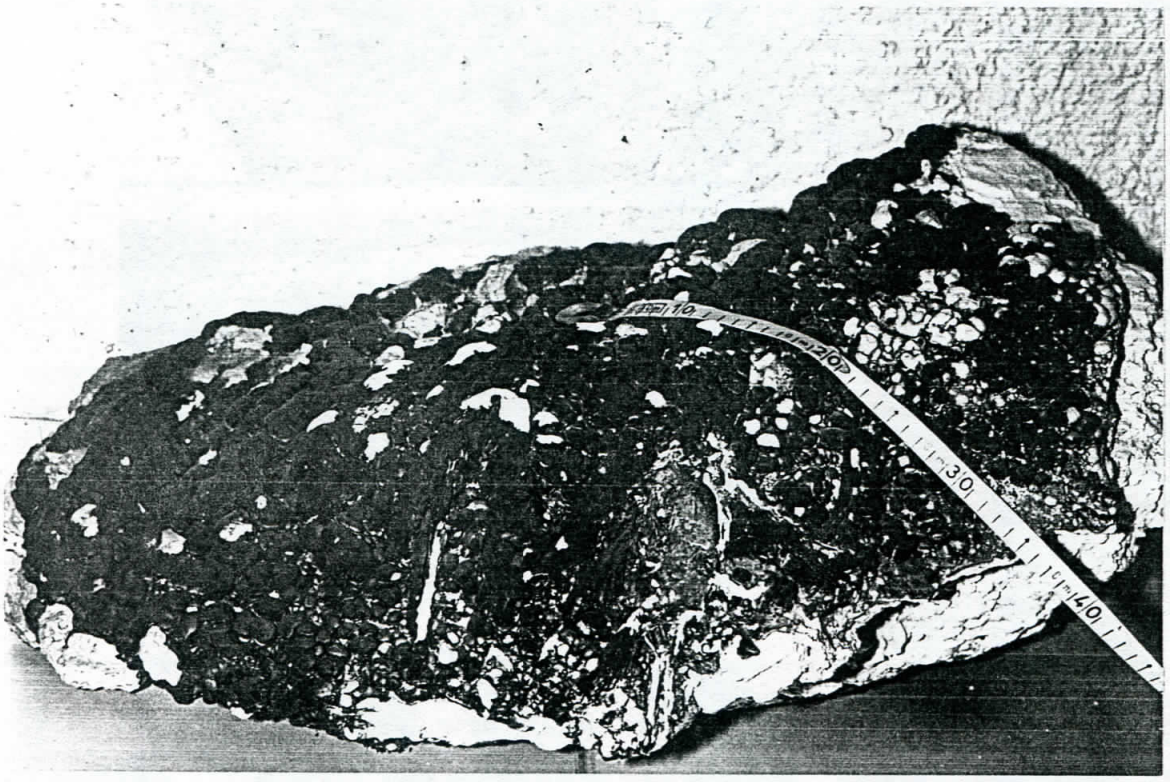
Quando se procedia à montagem da instalação eléctrica na lagoa do Algar, foi descoberto um exemplar de basalto coberto de sílica com uma ave fossilizada na parte superior, a qual foi muniçiosamente apreciada pelo sr. Tenente-Coronel José Agostinho que supõe tratar-se de uma ave marinha. Esta amostra tem o peso de 89 quilos e estava situada no fundo da lagoa a 85 metros de profundidade a contar da parte superior da cratera, posta a descoberto devido ao grande abaixamento do nível de águas.

Procedeu-se também a um exame minucioso nas margens da lagoa agora a descoberto tendo-se localizado um filão de limonite de grandes proporções bem como uma nascente de água cristalina da qual se colheu uma amostra que foi entregue ao analista sr. dr. Henrique Flores.

Seguidamente encontrou-se também um manto de lava cordada cujo interior se supõe serem cinzas microscópicas. Fez-se um estudo minucioso para a colheita da amostra em virtude da ave fossilizada numa fissura de dois blocos correr o perigo de fractura do fossil aquando da emoção dos mesmos. Para o efeito utilizaram-se ferramentas de corte, de

acordo com o serviço a fazer. O trabalho mais difícil e de responsabilidade coube ao explorador Rafael Azevedo que conseguiu a colheita sem inutilizar o fossil.

Em seguida o transporte da amostra para o exterior, constituiu um trabalho arriscado e de grande esforço físico para o qual foram necessários 4 exploradores para a colocarem às costas do operário Manuel Cabral que colabora habitualmente nos trabalhos dos MONTANHEIROS, o qual atravessou 20 metros de rochas do fundo da lagoa do mais perigoso acesso, subindo em seguida dois lances de escadas num total de 116 degraus. Foi substituído por Francisco Creta que subiu 14 degraus e por último João Vieira mais 34. O referido fossil encontra-se exposto na SEDE desta colectividade, o qual poderá ser apreciado por todos que o desejarem fazer.



"O ECO DE PORTUGAL"
Vancouver-Canadá
26/AGOSTO/1970

«OS MONTANHEIROS» EM CONTÍNUA E NOTAVÉL ACTIVIDADE

ANGRA — Duas centenas de escuteiros (portugueses, ingleses e americanos) — que estiveram recentemente acampados, na Agualva, no IV Jamboree Açoriano — depois de terem visitado os magnificentes subterrâneos do ALGAR DO CARVÃO, no interior da ilha Terceira, deslocaram-se a esta cidade em visita à sede de «Os Montanheiros», onde assistiram a uma projecção de diapositivos com o maior interesse e proveito, tendo-lhes sido oferecidas algumas amostras vulcânicas como recordação das grutas da ilha Terceira, das que aquela prestimosa colectividade tem descoberto e explorado, dedicada e incansàvelmente.

Durante esse mesmo dia — 6 de Agosto corrente — mais de 600 pessoas visitaram a sede de «*Os Montanheiros*», onde tiveram a oportunidade de apreciarem a última colheita de especimens, fotos e levantamentos realizados pelos intrépidos «exploradores» do mundo subterrâneo terceirense e açoriano.

ULTIMO PINGO

INDESCULPÁVEL...!

Nos primórdios do povoamento da Ilha Graciosa, "eles" eram apenas uns charcos onde o gado se dessedentava.

Hoje em dia, constituem um ornamento "sui generis", o qual, a par da Praça do Rossio, fazem do centro da Vila de Santa Cruz um dos mais belos e aprazíveis locais do Universo.

Mas..."não há bela sem senão...! " Os paúis encontram-se em estado de degradação, não tanto na sua envolvente, mas principalmente pela pouquíssima água que contêm, para mais repleta de detritos, o que torna dificil a vida a meia dúzia de patos que lá desesperadamente tentam sobreviver.

Não se pode estar permanentemente à espera que São Pedro faça milagres. A chuva, só por si, não resolverá o problema.

Urge despoluir o ambiente, com a remoção do lixo que, levado pelo vento ou por incúria das pessoas, abunda na fina camada de água que recobre o fundo dos paúis.

Impõe-se que quem de direito (e dever!) repare quanto antes este estado de coisas. É que, se quem visita a Ilha não pode deixar de admirar o invejável património urbanístico e arquitectónico santacruzense, levará decerto triste recordação do património ambiental da Vila, protagonizado pelo lastimável estado em que se encontra o interior dos paúis do centro de Santa Cruz da Graciosa.

(Coitado do André dos Santos se,hoje em dia,pretendesse meditar na escaleira do paúl...!)

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE **"OS MONTANHEIROS"**
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rocha, 6/8
9700 ANGRA DO HEROÍSMO – TERCEIRA/AÇORES
TELEFONE 22992
— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —